

Unesco Institute for Education
Feldbrunnenstrasse 58
2000 Hamburg 13
Federal Republic of Germany

Projeto 4.32/4.38
Novembro 1986

AVALIAÇÃO DE IMPACTO DA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO
DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA A BAIXADA FLUMINENSE
(PERIFERIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO)

Ministério da Educação — MEC
Secretaria de Ensino de 1ª e 2ª graus — SEPS
Fundação Nacional para Educação de Jovens e
Adultos -- EDUCAR

Coordenação: Priscilla Christoph

Colaboração: Eliane Ribeiro Andrade
Regina Coeli Ávila Pereira

Documento preparatório a ser apresentado na reunião de atualização
(início de 1987), na Sede do Instituto de Educação da UNESCO
(IEU), em Hamburgo, República Federal da Alemanha

SUMÁRIO

1. Introdução
 - 1.1 Informações Gerais sobre o País e sobre o Programa de Educação Básica para Jovens e Adultos.
 - 1.2. Avaliação de impacto testada.
2. Métodos adotados para a Avaliação de Impacto
 - 2.1 Breve descrição do projeto avaliado.
 - 2.2 Objetivo da avaliação e a opção pela avaliação de impacto da implantação do projeto.
 - 2.3 Questões avaliativas.
 - 2.4 Metodologia.
 - 2.5 Instrumentais e técnicas de coleta de dados.
3. Descobertas
 - 3.1 Impacto ao nível das lideranças comunitárias.
 - 3.2 Impacto ao nível dos supervisores pedagógicos.
 - 3.3 Impacto ao nível dos auxiliares administrativos.
 - 3.4 Impacto ao nível das professoras.
 - 3.5 Impacto ao nível dos alunos.
4. Conclusões e Sugestões
 - 4.1 Descobertas mais significativas.
 - 4.2 Dificuldades e limitações relativas às técnicas utilizadas.
 - 4.3 Sugestões.
5. Bibliografia

Anexo : Quadro - Instrução das pessoas de 10 anos ou mais nos Municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu e São João de Meriti.

AVALIAÇÃO DE IMPACTO DA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA A BAIXADA FLUMINENSE (PERIFERIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO)

1. Introdução

Este estudo faz parte do Projeto exploratório (PRG 4.32/1982) do Instituto de Educação da UNESCO (IEU) - Hamburgo, cuja continuação (PRG 4.38/1985) implica no desenvolvimento de métodos e técnicas de auto-avaliação num contexto de educação permanente.

O Brasil incluía-se no grupo de 11 países em desenvolvimento que se reuniu em Hamburgo em outubro de 1985 e que planejou a realização desses estudos, um em cada país, visando especificamente a avaliação de impacto de um programa com o intuito de se desenvolverem exatamente aqueles referidos métodos e técnicas.

No caso do nosso país, em particular, o estudo originalmente proposto não se pôde realizar, tendo em vista que a Instituição responsável pelo projeto — a Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAF — deixou de existir como tal, passando, inclusive a ter nova denominação — Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos — EDUCAR — com objetivos e estrutura redefinidos.

Este estudo, face às citadas mudanças, selecionou como objeto um projeto de educação básica, recentemente iniciada pela nova Fundação, na periferia da cidade do Rio de Janeiro, numa região denominada Baixada Fluminense.

1.1 Informações gerais sobre o País e sobre o Programa de Educação Básica para Jovens e Adultos

O Brasil é o maior país da América Latina. Situa-se na América do Sul e possui uma área de 8.511.965 Km² e uma população estimada em 135.564.017 de habitantes. Constitui-se numa República Federativa composta de 23 Estados, 3 Territórios e 1 Distrito Federal. Os Estados estão subdivididos em Municípios.

O Poder Executivo é exercido pelo Presidente da República auxiliado pelos Ministros de Estado. Em 1964, houve um golpe de Estado liderado pelos militares, mantendo o País durante 21 anos sob regime autoritário e excluindo o povo do processo político. Com a abertura democrática e a reorganização do povo na luta pela restauração da democracia, instala-se, em abril de 1985, o governo da "Nova República". O novo governo, através do Congresso, aprova a Emenda Constitucional nº 25 de 10 de maio de 1985, restabelecendo o voto direto e secreto em todo o país.

Em junho de 1985, o atual presidente da República, José Sarney deu início ao processo de reconstitucionalização do país e de restabelecimento do estado de direito, assinando a proposta de emenda Constitucional, convocando a Assembléia Nacional Constituinte para a elaboração da oitava Constituição Brasileira.

Em novembro de 1986, foram eleitos os membros do Congresso-Constituinte com a tarefa de elaborar a nova Constituição.

A situação educacional no Brasil — atravessou, nos últimos anos, uma fase um tanto crítica, com perspectivas sombrias para o futuro do país.

O Censo demográfico de 1980 apontava uma população de 18.716.847 de analfabetos, ou seja, 25,5% da população de 15 anos e mais.

Verificou-se, também através desse Censo, que 7.553.000 (33,0%) crianças de 7 a 14 anos estavam fora da escola e 6.340.000 (27,6%) se encontravam defasadas em relação à idade.

Outro dado preocupante é o fato de o índice de analfabetismo na faixa etária de 10 a 14 anos, (25,8%), ser mais elevado do que o índice na população adulta (25,5%).

Após longos anos de desprestígio, a educação recupera seu espaço político, tornando-se a tarefa fundamental e prioritária da "Nova República".

Historicamente, a Constituição Brasileira fixava os recursos mínimos a serem dedicados à Educação. Desde 1964, no período do governo militar, verificou-se um decréscimo sistemático e gradativo desses recursos. Na Constituição de 1967, foram, inclusive, suprimidos os percentuais tradicionalmente presentes em todas as Constituições anteriores.

O primeiro Ministério da Educação da "Nova República" regulamentou a emenda do Senador João Calmon, através do Decreto-Lei 7.348 de 24 de julho de 1985 cujo artigo 1º do texto da lei estabelece: "Anualmente a União aplicará nunca menos de 13%, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios 25%, no mínimo, da receita resultante de impostos, na manutenção e no desenvolvimento do ensino (parágrafo 4º do artigo 176, da Constituição Federal)".

Graças à regulamentação desta emenda, o Ministério terá em 1986 um orçamento de 25,5 bilhões de cruzados (1,8 bilhões de dólares), o segundo maior de todos, depois do Ministério dos Transportes, acrescentando-se ainda os 25% da renda tributária que deverão ser gastos pelos estados e municípios.

Em maio de 1985 foi lançado pelo Presidente José Sarney, o plano "Educação para Todos" assumindo o compromisso "de enfrentar o desafio de universalizar o acesso à escola, vencer o analfabetismo e proporcionar um atendimento educativo em crescentes níveis de qualidade".

A educação básica, prioridade do governo atual, é entendida na proposta, como sendo "aquela que venha a possibilitar a leitura, a escrita e a compreensão da língua nacional, o domínio dos símbolos e operações matemáticas básicas, bem como o domínio dos códigos sociais e outras informações indispensáveis ao posicionamento crítico do indivíduo face a sua realidade".

O plano de educação básica se caracteriza pela qualidade do ensino, a elevação da produtividade, a valorização, formação e aperfeiçoamento do magistério.

A Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos — EDUCAR, órgão governamental vinculado à Secretaria de Ensino de 1ª e 2ª graus do Ministério da Educação — SEPS/MEC é uma das instituições integrantes do Projeto Nacional de Educação de Jovens e Adultos, parte do Programa "Educação para Todos".

Basicamente, a Fundação EDUCAR presta apoio técnico e/ou financeiro aos órgãos públicos (Sistemas Estaduais e Municipais de Ensino) e privados (organizações da sociedade civil) para desenvolverem projetos de educação básica no nível da 1ª fase de ensino supletivo.

A ação desenvolvida pela EDUCAR se dá preferencialmente de forma indireta e, excepcionalmente de forma direta. A ação indireta será executada sob a responsabilidade de outros órgãos governamentais ou privados, com apoio técnico e/ou financeiro e/ou material da Fundação EDUCAR. Nessa modalidade a proposta pedagógica poderá ser da própria instituição conveniada ou da EDUCAR.

No caso da ação direta, a Fundação EDUCAR se responsabiliza totalmente pelo desenvolvimento da proposta educativa, ainda que o trabalho seja executado de forma articulada com outros órgãos entidades e grupos sociais.

Na modalidade de ação direta também estão incluídos projetos específicos e experimentais.

O Programa de Educação Básica (PEB) concebido pela EDUCAR tem caráter de suplência, equivalendo às quatro primeiras séries do 1º grau, possibilitando a continuidade de estudos aos interessados.

A carga horária mínima prevista no Programa é de 1200 horas, distribuídas em três etapas distintas, porém intercomplementares, abrangendo em seu primeiro momento os conteúdos mínimos de alfabetização.

A articulação imediata da ação alfabetizadora com o ensino básico supletivo assegura aos recém-alfabetizados a possibilidade de assimilarem, de forma sistemática, os conhecimentos que constituem o núcleo fundamental do ensino básico, assegurando o acesso ao saber sistematizado.

O material didático fornecido pela EDUCAR foi estruturado para a utilização em três etapas de 400 horas cada.

O aluno pode sair ou entrar no Programa a qualquer momento, dependendo do estágio de seus conhecimentos, considerados os objetivos específicos de cada etapa.

Os objetivos por etapas são os seguintes:

1. ^a etapa	2. ^a etapa	3. ^a etapa
.desenvolvimento da oralidade;	.desenvolvimento da oralidade;	.desenvolvimento da oralidade;
.aquisição do código da leitura e escrita;	.consolidação da aprendizagem do código de leitura e escrita;	.exercitação da leitura e da escrita;
.aquisição dos símbolos matemáticos;	.consolidação da aprendizagem dos símbolos e operações matemáticas;	.ampliação e aprofundamento das noções de matemática, ciências naturais e estudos sociais.
.iniciação da aprendizagem das operações matemáticas.	.iniciação às noções de ciências naturais e estudos sociais.	

Os pressupostos metodológicos que norteiam o processo de ensino-aprendizagem do Programa de Educação Básica são:

- a) a intencionalidade do ato educativo, transmitindo novos conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades, relacionando-os com o conhecimento empírico que o jovem e o adulto já possuem, possibilitando ao aluno raciocínios cada vez mais complexos sobre sua realidade;
- b) a participação ativa do aluno nas situações de aprendizagem onde "o aluno, além de aprender os conteúdos, deve, principalmente, compreender que o conhecimento sistematizado é o resultado da produção e recriação conjunta de todos os homens, processo do qual participa";
- c) a especificidade da ação educativa para jovens e adultos face às características próprias de cada grupo.

1.2. Avaliação de impacto testada

A partir da criação da Fundação EDUCAR e definição de suas competências na área da educação básica, foi constituído um grupo de trabalho com um técnico do UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a infância) e Técnicos da EDUCAR para a execução de um projeto de educação para a Baixada Fluminense (periferia da cidade do Rio de Janeiro), visando a realização de estudos no campo pedagógico e no estabelecimento de novas relações entre o Estado e a sociedade civil.

Paralelamente às atividades desenvolvidas, existe uma equipe responsável pela avaliação do processo em todas suas etapas.

Neste sentido, a testagem do impacto da implantação do projeto, realizada aqui, está sendo considerada como um primeiro momento de reflexão da proposta e parte integrante de um processo mais amplo de avaliação.

Este trabalho se propõe a oferecer subsídios para a realização de propostas semelhantes com populações pobres em outros municípios situados em periferias de áreas metropolitanas.

2 - Métodos adotados para a Avaliação de Impacto

2.1. Breve descrição do projeto avaliado

Conforme referido anteriormente, foi selecionado para a testagem da Avaliação de Impacto, o "Projeto de Educação Básica para a Baixada Fluminense", executado pelos órgãos da própria comunidade (associação de moradores, igreja, etc.) com cooperação técnica e financeira da Fundação EDUCAR e participação técnica do UNICEF.

Este Projeto tem um caráter de estudo, onde se testarão novas alternativas educacionais e algumas diretrizes da Fundação EDUCAR.

O objetivo do projeto é prestar cooperação técnico-pedagógica e financeira às instituições não governamentais ligadas a grupos organizados da sociedade civil em 3 municípios da Baixada Fluminense (Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti) no Estado do Rio de Janeiro, no desenvolvimento de propostas de Educação Básica (alfabetização e 4 primeiras séries do 1º grau) para a população de 15 anos em diante, visando a realização de estudos no campo pedagógico e no que se refere à relação Estado/movimento popular organizado.

A Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, é uma das áreas mais densamente povoadas do país onde "bolsões de pobreza" do Estado estão concentradas.

A população dos 3 municípios integrantes do projeto está distribuída da seguinte forma:

Municípios	População Residente TOTAL	Área do Município (Km ²)	Densidade Demográfica
Duque de Caxias	575.814	442	1.302,7
Nova Iguaçu	1.094.805	764	1.432,9
São João do Meriti	398.826	34	11.730,1

Fonte: IBGE — Censo de 1980 — Dados Distritais RJ

São João do Meriti é o município que registra a maior densidade populacional do país com 11.730,1 habitantes por Km², enquanto, Nova Iguaçu com seus 1.094.805 habitantes é o segundo município mais populoso da Região Metropolitana e o nono em termos nacionais.

A situação educacional nesses três municípios apresenta um quadro bastante desfavorável. Embora não se disponha de dados recentes

sobre a escolarização da população de 7 a 14 anos, por município, pode-se afirmar que o crescimento vegetativo da população e o grande afluxo de migrantes nessas localidades vem aumentando o contingente de crianças em idade escolar. Consequentemente, aliado à ausência de uma infra-estrutura adequada, vem-se agravando a situação de déficit de matrículas.

A população com 10 anos ou mais, nesses municípios, de acordo com o Censo Demográfico de 1980, possui um baixo nível de escolarização (vide quadro anexo).

Os dados referentes a Nova Iguaçu mostram uma situação desfavorável em relação aos outros municípios. Observa-se que mais de 48,0% da população de 10 anos ou mais não concluiu as 4 primeiras séries do 1º grau, sendo que destas, 16,8% são analfabetas. No que diz respeito aos 51,7% restantes, 35,9% possuem apenas o curso primário. Donde se conclui que apenas 15,8% das pessoas conseguiram ultrapassar as 4 primeiras séries do 1º grau.

Nos outros dois municípios a situação educacional é bastante precária. Em Duque de Caxias, 45,2% das pessoas com 10 anos ou mais ou são analfabetas (16,0%) ou não chegaram a concluir as 4 primeiras séries do 1º grau (29,2%). Entre as 54,8% restantes, 37,3% concluíram as 4 primeiras séries do 1º grau e apenas 17,5% cursaram além do primário.

No município do São João de Meriti, verifica-se que 41,0% das pessoas com 10 anos ou mais não concluíram o primário, entre elas 12,2% são analfabetas. No que se refere aos 59,0% restantes, 37,2% possuem o primário completo e 21,8% conseguiram ultrapassar as 4 primeiras séries do 1º grau.

O Projeto de Educação Básica para a Baixada Fluminense está sendo desenvolvido em conjunto com a Igreja Católica, Federações e Associações de Moradores.

O princípio metodológico fundamental da proposta está na participação concreta da comunidade, através de seus órgãos representativos, na definição de suas prioridades e formas de trabalho.

Entre as especificidades do projeto destacam-se as seguintes características: a participação do Estado, assegurando o apoio técnico e financeiro necessário à execução de projetos elaborados e administrados por representações da sociedade civil: garantia da capacitação, bem como o pagamento de melhores salários e a garantia de direitos trabalhistas.

No âmbito da proposta foram conveniadas 194 classes, tendo-se em média, 25 alunos por classe. Cada supervisor pedagógico é responsável por 10 classes, no máximo, e o auxiliar administrativo por 31 classes.

A inclusão de auxiliares administrativos tem como objetivo liberar o supervisor das tarefas de administração de pessoal e dos recursos financeiros e materiais repassados pela Fundação EDUCAR, além da merenda escolar proveniente da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), permitindo que o trabalho pedagógico e comunitário ganhe em qualidade.

Os recursos humanos são contratados pela entidade conveniente, ficando a EDUCAR responsável pelo repasse de verba referente aos salários e encargos sociais.

O professor deve ser indicado pela comunidade e possuir, no mínimo, o Curso Normal ou 2º grau completo; quanto ao supervisor pedagógico, é exigido o Curso Superior na área de Ciências Humanas e sua indicação também é responsabilidade da comunidade. Após este momento procede-se à seleção conjunta por parte da Fundação EDUCAR e entidades. Outro critério para a seleção, exigido pelos grupos, é a participação dos professores e supervisores em trabalhos de organização comunitária.

O Projeto de Educação Básica para Baixada Fluminense tem como referência o Programa de Educação Básica da Fundação EDUCAR que é dividido em 3 etapas: a 1ª etapa correspondendo à alfabetização e as 2ª e 3ª etapas correspondendo às primeiras séries do 1º grau. A proposta prevê uma carga horária mínima de 1200 horas, com previsão de aproximadamente 400 horas em cada etapa.

Os alunos podem entrar e sair em qualquer momento do programa, mediante avaliação de seus conhecimentos.

O material didático utilizado é o da Fundação EDUCAR complementando por materiais alternativos produzidos pelos grupos participantes.

No que se refere aos princípios metodológicos da prática pedagógica, destacam-se os seguintes:

- considerar o educando sujeito do seu processo educativo, capaz de desenvolver a criticidade e a autonomia de pensamento;
- considerar a realidade pessoal e social do educando no processo de ensino-aprendizagem;
- considerar que o espaço específico da educação é responsável pela veiculação de determinadas habilidades e conteúdos sistematizados, fundamentais na ampliação da cidadania.

2.2 Objetivo da avaliação e a opção pela avaliação de impacto da implantação do projeto.

A avaliação de impacto da implantação do projeto de educação básica na Baixada Fluminense tem como objetivo: avaliar os efeitos da implantação do projeto educativo nas comunidades, onde a ação educativa está se desenvolvendo, verificando sua adequação à realidade e subsidiando a reformulação da mesma.

A opção pela avaliação de impacto da implantação do projeto deve-se, em primeiro lugar, ao fato de a Fundação EDUCAR ter sido recentemente criada e, conseqüentemente, suas ações encontrarem-se em fase inicial de trabalho.

Por outro lado, a avaliação da implantação de projetos no contexto atual da Instituição é importante como registro do estabelecimento de uma nova relação entre o governo e a sociedade civil.

A articulação entre o Estado e a sociedade civil é um dos pontos fundamentais para o êxito do Programa de Educação Básica da Nova República.

Nos últimos anos, verificou-se um desgaste na relação do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), órgão do Governo, na época, responsável pelos programas de alfabetização, com entidades não-governamentais, sobretudo com grupos organizados da sociedade civil. Este desgaste ocorreu, principalmente, por ter sido o MOBREAL criado pelo governo militar e identificado pelas organizações populares como órgão de controle social.

Tendo o governo atual optado por uma linha de educação que atenda aos interesses da sociedade brasileira neste momento de transição democrática, a Fundação EDUCAR pretende resgatar a relação Estado/Sociedade Civil no trabalho de educação de jovens e adultos, apoiando as organizações populares (sindicatos, associações, federações, uniões, grupos organizados, clubes, etc) e demais entidades e instituições que operam no âmbito da sociedade civil.

A proposta de educação básica implantada na Baixada Fluminense, objeto de nosso estudo, tem como princípio metodológico a participação concreta da comunidade através de suas entidades representativas na definição de suas prioridades e formas de trabalho.

O contato com a comunidade foi realizado pela equipe da EDUCAR/UNICEF, através de lideranças locais. O registro dessa primeira abordagem, ou seja, a fase de implantação, é importante na medida em que documenta a aproximação da EDUCAR, órgão governamental recentemente criado, com grupos organizados da sociedade.

É importante destacar, que os supervisores e professores indicados pelas federações, associações de moradores e grupos organizados da Igreja Católica recebem salários e garantias trabalhistas. Esta opção faz parte de uma nova visão na relação Estado/Sociedade civil, ou seja, o Estado reconhece os Educadores de adultos como profissionais, extinguindo o voluntariado.

Ao término do projeto, outro estudo será realizado para comparação entre os dois momentos e avaliação da interação órgão governamental/entidades não governamentais, no âmbito da proposta.

Por outro lado, a avaliação de impacto da implantação do projeto de educação básica contempla, além dos aspectos políticos acima mencionados, outros relacionados com a parte pedagógica.

De fato, a legitimidade da EDUCAR só será alcançada através do reconhecimento da qualidade do trabalho pedagógico desenvolvido.

A capacitação dos supervisores e professores do projeto foi realizada com grande ênfase no aspecto qualitativo da proposta educativa.

Durante a capacitação, além das questões didático-pedagógicas, foram trabalhados conceitos gerais sobre educação/educação de adultos, situação do analfabetismo no Brasil, o aluno analfabeto, questões sociais, econômicas e políticas relevantes na atual conjuntura brasileira.

O como se dá a apropriação de alguns desses conceitos trabalhados durante a capacitação e como é percebida a proposta de educação básica permitirão a revisão de técnicas utilizadas e fornecerão subsídios para outros momentos de capacitação.

No que se refere ao aluno, na fase de implantação, é fundamental o conhecimento desse aluno, saber quais as expectativas iniciais em relação ao curso, contribuindo esses dados para verificação da adequação da proposta educativa.

A avaliação dos resultados do ensino-aprendizagem faz parte do plano global de avaliação da proposta, e sua realização está prevista, posteriormente, em diferentes etapas do curso.

Conforme já foi colocado anteriormente, a testagem do impacto da implantação do Projeto de Educação Básica para a Baixada Fluminense retrata apenas um primeiro momento de reflexão da proposta, existindo um projeto de avaliação mais amplo.

Esse primeiro momento documenta a busca de um espaço político, na relação Estado e Sociedade civil, através de depoimentos das lideranças comunitárias de entidades locais, analisa os esforços realizados para a garantia da qualidade do trabalho pedagógico através da capacitação dos supervisores e professores, e fornece a caracterização do aluno.

2.3 Questões avaliativas

Para avaliarmos o impacto da implantação do projeto, foram considerados os efeitos imediatos produzidos pela ação desenvolvida durante este período nos seguintes níveis:

- Lideranças comunitárias das entidades não-governamentais ligadas a grupos organizados da sociedade civil.
- Supervisores pedagógicos.
- Auxiliares Administrativos.
- Professores.
- Alunos.

Foram levantadas questões específicas para cada um desses níveis. No que se refere ao nível das lideranças buscou-se respostas para as seguintes questões.

- 1- Como foi percebida pelas lideranças comunitárias das entidades envolvidas o processo de implantação do projeto?
- 2- Como é percebida pelas lideranças comunitárias das entidades envolvidas no projeto a relação Estado/Sociedade civil no contexto atual?
- 3- Qual a imagem da Fundação EDUCAR junto às lideranças comunitárias das entidades envolvidas no projeto?
- 4- Quais são as expectativas das lideranças comunitárias das entidades envolvidas em relação ao projeto de educação que está sendo desenvolvido na Baixada Fluminense?
- 5- Qual o nível de conhecimento da proposta de educação e engajamento das lideranças comunitárias das entidades envolvidas no projeto?
- 6- Quais as perspectivas por parte das lideranças comunitárias das entidades envolvidas em relação à continuidade do projeto?
- 7- Quais as perspectivas por parte das lideranças comunitárias das entidades envolvidas no que se refere à realização de novos projetos na área de educação de adultos?
- 8- Na opinião das lideranças comunitárias das entidades envolvidas, quais os benefícios que o projeto de educação de adultos, em particular a alfabetização, pode trazer para a comunidade?
- 9- Na opinião das lideranças comunitárias e entidades envolvidas no projeto, como deveria ser uma proposta de educação de adultos que contribuisse para a organização de suas comunidades?
- 10- Quais são os conceitos das lideranças comunitárias das entidades envolvidas no projeto sobre educação e educação de adultos?

Para os Supervisores pedagógicos as questões levantadas foram:

- 1- Como foi o processo de entrada dos supervisores pedagógicos na proposta educativa?
- 2- Quais os conceitos dos supervisores pedagógicos sobre educação e educação de adultos? Antes e após a capacitação.
- 3- Como está sendo percebida pelos supervisores pedagógicos a proposta educativa?

4- Quais são os principais problemas enfrentados pelos supervisores em relação:

- . aos professores;
- . à equipe central da EDUCAR;
- . a entidades na qual está vinculado (associação de moradores, Federação e Igreja);
- . aos auxiliares administrativos;
- . à prática em sala de aula.

5- Qual a imagem da Fundação EDUCAR junto aos supervisores pedagógicos?

6- Na opinião dos supervisores pedagógicos, quais os benefícios que o projeto de educação de adultos, em particular a alfabetização pode trazer para a comunidade?

Ao nível dos auxiliares administrativos as questões são:

1- Como foi o processo de entrada dos auxiliares administrativos no projeto?

2- Como está sendo percebida pelos auxiliares administrativos a proposta educativa?

3- Quais os principais problemas enfrentados pelos auxiliares administrativos em relação?

- . aos professores;
- . à entidades na qual está vinculada (associação de moradores, Federação e Igreja);
- . aos Supervisores pedagógicos.

4- Na opinião dos auxiliares administrativos, quais os benefícios que o projeto de educação de adultos, em particular a alfabetização, pode trazer para a comunidade?

Ao nível dos professores as questões são:

1- Como foi o processo de entrada dos supervisores pedagógicos no projeto?

2- Qual a imagem da Fundação EDUCAR junto aos professores?

3- Como está sendo percebida pelos professores a proposta educativa?

4- Quais são as representações do professor sobre o aluno adulto e o aluno analfabeto?

5- Na opinião dos professores, quais os benefícios que o projeto de educação de adultos, em particular a alfabetização, pode trazer para a comunidade?

Ao nível do aluno as questões são:

1- Quais foram os fatores individuais que determinaram a matrícula do aluno no curso de educação básica?

2- Na opinião do aluno, quais os benefícios que a alfabetização lhe proporcionará?

3- Como está sendo percebida pelos alunos a proposta educativa?

2.4 Metodologia

Para a realização da avaliação de impacto optou-se pelo estudo de caso. A opção por esta forma de investigação deve-se à necessidade de compreensão, em profundidade, dos efeitos da implantação do projeto nos diferentes grupos participantes (Igreja, Associações de Moradores organizadas e Associações de Moradores isoladas), buscando as diferentes interpretações deste momento.

Visando uma apreensão mais completa do objeto estudado, a análise foi realizada, situando historicamente as diversas características associadas ao processo de implantação do projeto.

Procurou-se apresentar diferentes interpretações da situação de forma que o estudo sirva para que outras entidades nacionais ou internacionais possam aplicá-las em outros contextos.

Em razão da natureza do objeto estudado - fase de implantação de um projeto - não foi possível realizar a fase exploratória, característica de um estudo de caso (Nisbet e Watt, 1978).

O fato da avaliação de impacto estar concentrada no período de implantação do projeto, conduziu a uma limitação de tempo, não permitindo a realização de um estudo mais demorado.

A definição mais precisa do objeto estudado, assim como a indicação dos informantes e fontes de dados indispensáveis ao estudo, foram feitas com a colaboração de duas técnicas da Fundação EDUCAR. Estas técnicas participaram das etapas de planejamento do projeto e do processo de seleção da equipe envolvida no mesmo.

Para avaliarmos os efeitos da implantação do projeto produzido ao nível das entidades não-governamentais ligadas a grupos organizados da sociedade civil, foram considerados três grupos distintos:

- Grupo CARITAS — Igreja (comunidades eclesiais de base);
- Grupo MAB — Associações de Moradores organizadas, vinculadas a uma Federação; e

- Grupo de Associações Independentes — Associações de Moradores isoladas, sem vínculo com Federações.

Em cada um desses grupos foram entrevistadas dois (02) líderes comunitários das entidades envolvidas no projeto, dois (02) supervisores pedagógicos, um (01) auxiliar administrativo, quatro (04) professores e doze (12) alunos, perfazendo um total de 63 entrevistados.

2.5 Instrumentais e técnicas de coleta de dados

Foram utilizados, para coletar informações, os seguintes instrumentos: roteiro de entrevistas, gravações, notas de observações, relatórios e documentos.

A entrevista foi a técnica básica do trabalho. Os diversos níveis foram entrevistados uma única vez, com exceção dos supervisores pedagógicos, cujas entrevistas realizadas por ocasião do processo de seleção também foram utilizadas na análise.

As entrevistas tiveram como base um roteiro, permitindo grande flexibilidade, e foram registradas em gravação direta. No caso das entrevistas realizadas com os supervisores na fase de seleção, o registro foi feito através de notas, e as perguntas foram feitas a partir de um roteiro aberto.

Durante o processo de coleta de dados, foram registradas observações e especulações, fornecendo elementos substanciais na fase de análise das entrevistas.

3. Descobertas

3.1 Impacto ao nível das lideranças comunitárias

3.1.1 Grupo CARITAS

No caso específico do Grupo CARITAS, as lideranças comunitárias não puderam ser entrevistadas porque, na ocasião em que as entrevistas estavam sendo realizadas, um dos líderes se encontrava viajando e o outro preferiu aguardar o retorno dessa pessoa.

Em razão do prazo exíguo para a entrega do relatório, não foi possível a realização dessas entrevistas em outro momento.

3.1.2 Grupo MAB

Os dois líderes selecionados para a entrevista são diretores do MAB e foram escolhidos devido a uma maior participação no Projeto.

O primeiro entrevistado é homem, tem 63 anos, nascido no interior do estado de Minas Gerais e morador da Baixada Fluminense desde 1948. Lavrador, fez parte de uma das primeiras ocupações de terra em Nova Iguaçu, estando quase toda a sua vida ligado aos problemas de posse de terra e na luta por uma reforma agrária justa. Participou da fundação da FETAG - Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado do RJ e ajudou na organização da grande maioria dos sindicatos rurais no Rio de Janeiro. Através da Igreja de Nova Iguaçu, organizou a Pastoral da Terra e a Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu. Durante a ditadura militar foi perseguido, preso e obrigado a abandonar o trabalho na lavoura, assim veio morar na área central de Nova Iguaçu iniciando o movimento de bairro. É casado, pai de 8 filhos e possui o curso primário. Durante a entrevista, este líder contou toda a sua história de vida. Hoje ele é um dos líderes mais importantes do movimento popular da Baixada Fluminense.

A Segunda entrevistada é uma mulher de aproximadamente 35 anos, nascida em um suburbio do Rio, que veio morar na Baixada quando criança. Militante ativa na organização popular da Baixada Fluminense, também foi vítima das perseguições dos governos militares do período de 1964 a 1985. Ela é casada, tem filhos e está cursando a faculdade de Pedagogia em Nova Iguaçu.

No depoimento de ambos os líderes, sobre a criação do MAB, percebe-se a importância da igreja de Nova Iguaçu, na luta pelos direitos e pela qualidade de vida do povo da Baixada Fluminense.

O depoimento do primeiro líder entrevistado, sobre os primeiros passos da organização das associações de moradores, foi o seguinte:

"Os padres da minha comunidade.... fizeram um prospecto pedindo pra se responder várias perguntas.... uma delas era se aĩ já havia tido ou tinha associação de moradores no bairro. Eu já tinha passado por uma experiência de associação antes de 1964, nōs já tivemos um movimento popular em Nova Iguaçu chamado Centro Prō-Melhoramento.... mas não era autônomo era muito ligado aos partidos políticos... diferente da atual estrutura do MAB mas 64 veio e acabou isso tudo e veio uma nova vivência.

Bom.... mas no convite dos padres, em 79 tinha marcado uma assemblēia na igreja pra levar as perguntas..... pensávamos que era uma coisa pequena mas tinha mais de mil moradores..... A histōria do MAB a gente deve em parte a orientação pedagōgica que D. Adriano (bispo de Nova Iguaçu) tem em relaçaō ao movimento popular

O D. Adriano, atravēs da Cāritas, trouxe vārios mēdicos aqui pra Nova Iguaçu que davam assistēncia mēdica nas comunidades, especificamente em saūde, atē que chegou a conclusāo que tava na hora de começar a pensar politicamente esta questāo.... porque remēdio, a consulta não tava resolvendo, como não resolve atē hoje.... porque as pessoas que tomavam remēdio elas bebiam aquela āgua podre que saia do poço... aĩ a gente ficava na dūvida de qual era o mais forte a āgua que era podre ou se era o remēdio que era pra combater a āgua..... aĩ a partir daĩ começaram a formar os chamados grupos de amigos de bairro... aĩ surgiu o MAB, começou com 6 grupos de amigos de bairro, em 78 tinha 32 associaçaō, em 79 tinha 70, em 80 passou a uma Federaçaō e agora tem 150 associaçōes.

Ninguēm pensava em fazer o MAB atē que se formou, hoje tem sede prōpria. A gente falava que o problema ē polītico, alguns falavam nada de polītico do nosso meio... Quando a gente falava polītica ē porque aqui pra gente ter as coisas tem que fazer abaixo assinado, mutirão e lā pra Copacabana, Leblon, Gāvea ninguēm precisa fazer abaixo-assinado pra botar āgua na rua, ninguēm junta pra comprar cano de āgua pra botar na rua, ninguēm fica o domingo abrindo rua pra botar āgua....."

As principais lutas do MAB, foram determinadas a partir do ūltimo Congresso da Federaçaō em dezembro de 1985, que reuniu cērcas de

150 associações de moradores, são elas: Transporte, Saneamento Básico, Educação e Saúde. A prioridade na área de Educação se refere ao ensino básico para crianças. O MAB avalia que existam aproximadamente 100 mil crianças de 7 a 14 anos fora da escola em Nova Iguaçu. Cabe ressaltar que a Educação de Adultos não aparece espontaneamente no discursos dos dois líderes:

"Achamos que a questão da educação decorre justamente pela falta de infra-estrutura da cidade. Nova Iguaçu não foi preparada para ser uma cidade, mas é Em 78 segundo os dados levantados nos bairros tínhamos 200 mil crianças de 7 a 14 anos fora da escola e este quadro não mudou muito. Hoje tem o CIEP, mas o CIEP é agora que está sendo construído.... e a prova disso são os CIEPS que quando se abrem inscrição, dos Brizolões, são 2 mil, 3 mil pra obter vaga, quando no máximo o Brizolão, o CIEP dá pra 500 crianças, só Então hoje a questão da educação ela passa.... porque não há infra-estrutura de construção de mais salas de aulas, num melhor atendimento do professorado tanto ao nível do município como de estado."

Em relação ao MOBREAL as lideranças criticaram a atuação do antigo órgão, principalmente no que se refere ao pagamento dos professores, na má aplicação dos recursos e na falta de discussão de sua proposta com a população organizada:

"... por exemplo, no pagamento de professoras, ele não pagava... paga 100, 140 cruzeiros... mas ele esbanjava... em papel.... tanto que a gente tá recebendo ainda hoje material que tava guardando."

"A coisa vinha pronta, embalada, entregavam pra gente e a gente usava.... ou não usava... Muitas associações se recusavam a fazer convênio com o ex-MOBREAL.... não aceitavam a política do MOBREAL.... na verdade não alfabetizava ninguém.... o próprio MOBREAL já sabia disso e continuava insistindo nesse negócio...."

O MAB considera importante essa aproximação do Estado com o movimento popular organizado, no atual momento de redemocratização que o país vem vivendo, e analisa as implicações desta relação:

"O perigo de ser monopolizado pelos órgãos governamentais.... isto vai depender muito da entidade popular que está fazendo o diálogo.... as entidades que já estão

acostumadas a fazer o clientelismo vai ser absorvido pelo governo..... mas uma estrutura como é a do MAB, como é a nossa.. eu acho muito difícil de ser absorvida pelo governo... assim em termos de ser joquete na mão do governo.... eu acho muito difícil por causa da prática do MAB desde sua organização eu vejo isto aí como uma coisa sadia.... realmente.... e sempre nós brigamos foi por isso mesmo, é ter participação, ter discussão, não fazer parte do governo.... por exemplo eu ser convidado pra ser ministro lá do governo, ou coisa que o vale, não posso até ser convidado, posso até ir mas eu me desvinculo do MAB, não tem nada a ver com o MAB..... não o MAB indicar alguém pra ser ministro, pra ser secretário.... o MAB pode até participar de uma discussão que ache o melhor o perfil pra um secretário de educação de trabalhos comunitários, ele pode dar o perfil."

A educação escolar e a educação de adultos é considerada pelo MAB, segundo os entrevistados, de responsabilidade do Estado e para eles o movimento popular tem um papel de participação e controle político, apoiando projetos que venham responder as reivindicações da população.

"Um projeto de educação é responsabilidade do poder público. Nesse projeto o poder público tá dando o dinheiro.... a orientação.. .. o acompanhamento pedagógico. A mão-de-obra é a nossa, o local é a gente que arranja. A gente tem clareza, mas tá fazendo. A gente tá quebrando um galho..... A educação de adultos também é de responsabilidade do poder público, porque se hoje o adulto é analfabeto é porque ele não teve escola quando era pequeno".

Mais especificamente sobre o Projeto de Educação Básica para Jovens e Adultos na Baixada Fluminense, percebe-se que há confiança no desenvolvimento dos trabalhos e credibilidade na equipe responsável. É importante registrar que o primeiro contato com vistas a implantação do Projeto foi realizado por um técnico do UNICEF.

"Pode ser que o projeto futuramente não dê certo mas: o começo dele eu achei que foi essencial, foi muito bom... porque passou um período de 4 a 5 meses, idas e vindas, discussões e mais discussões, não só com a diretoria do MAB.... mas também com todos os segmentos do MAB, as associações de moradores."

"Gostei da primeira enquete que foi feita aqui, do que a gente achava da educação no município de Nova Iguaçu. Eu achei que como início foi uma coisa boa, embora eu acho que tem alguma coisa a melhorar, a aperfeiçoar

pro anos que vem...."

"A gente sente que a coisa mudou.... até bem pouco tempo a gente não opinava, né? Hoje este Projeto que está sendo implantado em Nova Iguaçu nós discutimos desde o início, pelo menos naquela parte da nossa interferência enquanto comunidade, né? Claro que a parte pedagógica nós não tivemos influência.... até porque a gente não tem este preparo assim, embora que tenha sido colocado pra gente que nós poderíamos influenciar na parte pedagógica, embora na prática eu não sei como seria, como funcionaria, nós apresentar um plano de alfabetização essas coisas assim. Nós enquanto comunidade organizada e movimento reivindicatório nós não temos essa coisa que seria discutir no plano pedagógico, isso a gente não preparou, então a gente não pode saber se isso funcionaria ou não. Mas na parte de abertura de como implantar, como influenciar a forma desse projeto a gente teve uma participação bastante importante, um espaço grande, um respeito as associações de moradores, um respeito ao trabalho que a gente desenvolve, né? A gente sempre deixou claro que esse não é o nosso papel, que a gente tem clareza que esse não é o nosso papel, esse é um papel do poder público.... Mas que a gente tá aqui pronto a como se fosse um exército de reserva, né? A ajudar pra que essa coisa possa ir pra frente, e eu acho que essa coisa foi bastante respeitada, até aqui foi assim".

"Algumas pessoas que hoje estão a frente da EDUCAR, do Projeto, são pessoas que vieram ao longo desses anos, com muita batalha construir este momento que a gente está vivendo hoje, que não foi fácil a gente conhece um pouco das histórias das pessoas. As pessoas que estão no Projeto tem uma preocupação com uma coisa mais democrática, mais aberta, da construção de uma coisa nova..... Claro que o Estado não é mais a mesma coisa, não é militar.... As pessoas estão podendo colocar em prática aquilo que foram idéias acalentadas durante anos".

No que diz respeito, a experiência dessas entidades do movimento popular administrarem projetos na área social, financiados pelos órgãos governamentais, encontramos o seguinte depoimento :

"É um desafio pra nós.... a gente podia selecionar as professoras chegada a nós por questões partidárias, mas isso é clientelismo! por afinidade, é clientelismo! mas na medida que foi aberta a inscrição, que as pessoas vieram com os nomes, eu acredito que essa questão do clientelismo ficou a parte Então eu acho que nós estamos começando a sair bem.... No nosso caso, nós queremos que o movimento seja fortalecido com as pessoas que tenham trabalho."

Sobre a educação de adultos os depoimentos refletem que não existe por parte das lideranças do movimento organizado, uma expectativa da alfabetização contribuir significativamente na melhoria das condições de vida desta população. Ou seja, a alfabetização é vista como um elemento mais ligado a sua cidadania, ao direito do cidadão em saber ler e escrever, para que tenha mais autonomia de circulação numa sociedade moderna.

"Alfabetizar adulto é uma coisa muito importante porque se a gente quer realmente uma sociedade mais justa tem que ser com homens que pensam.... analisam..... é claro que a experiência do cara às vezes o cara é analfabeto e a experiência dele dá de mil em muitos doutores que estão por aí... isso é verdade... mas eu acho que a alfabetização é importante porque dá acesso a um mundo, mundo muito maior o acesso a leitura ajuda muito....."

"O analfabeto ele pode vim somar, porque ele vai aprender mais, ele vai começar a raciocinar melhor, a discernir melhor as questões... é bom que aprenda a ler por isso assim não que ele vai influir em grandes coisas.... é uma vantagem pra ele pessoal, ele só torna gente igual a mim, a você ... mercado de trabalho acho que não interfere não porque tem muita gente com curso desempregado".

"O sujeito que sabe ler e escrever, é importante porque ele pode ler ele próprio vai tirar o raciocínio dele ... pode ler um programa de um partido político, um jornal".

"Acho que nós e a EDUCAR estamos dando os primeiros passos para uma educação que contribua para o movimento popular".

Nota-se que as lideranças mais avançadas da sociedade civil organizada criticam a utilização do trabalho voluntário pelo governo; no MAB encontramos os seguintes depoimentos:

"Até três, quatro anos passados eu achava que esse voluntariado era uma coisa válida.... mas na medida que eu tô chegando a conclusão de que hoje a comunidade dá de tudo de si... porque não valorizar o trabalho desse voluntariado? Por que não pagar também esse voluntariado?... inclusive porque ele vai se sentir como gente e vai dizer — "estou sendo respeitado", então esse trabalho que hoje a EDUCAR tá fazendo pagando... ainda que um salário mínimo.... na verdade, muito pouco, aquêm das condições, mas já está valorizando alguêm que tá trabalhando.. ... que antes não era valorizado.... então essa pessoa que tá recebendo pode questionar e ser questionada...."

"Esse negócio de voluntariado pode existir mas numa emergência, não por muito tempo... se não tá se explorando um ser humano..."

Sobre a seleção dos professores um dos líderes considerou a prova complexa, difícil e pouco referenciada a realidade da Baixada Fluminense. Reclamou também, que os professores não tiveram oportunidade de se preparar para a prova porque tudo foi resolvido com muita rapidez. Para o próximo ano, sugere que a equipe técnica da EDUCAR prepare e capacite os professores pelo menos um mês antes do início das aulas:

"... tem que dar ensino mesmo, até ensinar mesmo os professores.... essa coisa toda... eu tenho andado por aí e.... a gente tá vendo nas professoras que elas tão querendo dar tudo de si pra atingir o máximo que elas puderem atingir.... Eu sinto que como preparação foi tudo muito corrido mas as professoras estão querendo superar isso na prática."

Outra reclamação surgida durante as entrevistas foi em relação à distribuição do material e pagamento de professores.

".... houve uma falha na organização das turmas, umas tem material e outras não... isto é um perigo porque uma turma vai se desenvolver mais... quer dizer.... nós nos preparamos na discussão mas na hora de colocar em prática nós ficamos aquêm...."

"Eu não entendi porque os supervisores vão receber primeiro do que as professoras, eu acho que se começaram juntas deveriam receber tudo junto..."

Em relação aos benefícios que o Projeto pode trazer para a Baixada Fluminense, os entrevistados acreditam que poderá melhorar a formação das professoras da Baixada envolvidas no projeto e que vem de encontro a uma aspiração do povo da Baixada: "Não é verdade que as pessoas querem ficar analfabetas."

As lideranças acreditam na continuidade do projeto e se colocam apreensivas quanto as interferências políticas que possam acarretar cortes em projetos desta natureza, porém mostram-se confiantes no seu desenvolvimento:

"Acho que não pode parar, a gente sabe que o Projeto é uma experiência, que tá sendo feita, que ainda tem uma outra forma que a EDUCAR faz... que é a maioria Tem que ter continuidade, aprimoramento. A gente começar a ver o que existe aí de experiência, até na parte pedagógica que deu muito certo aqui na Baixada, tem alguns casos aqui... e tentar que dê certo....."

3.1.3 Grupo das Associações Independentes.

Foram entrevistados dois líderes, um presidente de uma Associação de Moradores responsável pelo convênio e outro de um Centro de Integração. A análise da entrevista com o primeiro líder foi inviabilizada por causa de problemas técnicos (defeito no gravador). Devido a exiguidade do tempo para a elaboração do relatório, não foi possível refazê-la.

A líder do Centro de Integração tem 51 anos, é mineira, tem 9 filhos, veio para o Rio trabalhar em uma fábrica de tecidos, mas só trabalhou quatro anos; por problemas de nervos, foi encostada. Nunca foi à escola. Depois que criou os filhos, começou a se preocupar em melhorar sua comunidade, que era muito carente. Para ela, ajudar as pessoas é uma experiência bastante enriquecedora.

O trabalho comunitário começou através da Igreja, com a campanha do quilo que foi feita para socorrer pessoas com lepra. Mas como concluiu que sozinha podia fazer pouco pela comunidade, resolveu fundar com outras mulheres, o Clube de Mães que, depois, deu origem ao Centro de Integração.

"No Clube de Mães havia cursos de tricot, crochet e costura. O que adiantava fazer crochet, tricot, costura se a gente não tem médico. Tem mais de 1500 crianças em idade escolar sem ter escola. Muita gente que não sabe ler nem escrever, então, o que adianta a gente fazer tricot e crochet, mas deixar esta parte que ninguém faz? Fomos criando um grupo.... Lutamos por uma escola Ai, começamos a lutar

pelo programa de estudo de adulto que é uma coisa que faz muita falta.

A gente está tentando creche, estamos tentando um posto de complementação para gestante, que está difícil.... Temos a idéia de fazer uma Oficina Comunitária, já tem 1 ano Temos a idéia de montar uma fábrica de vassouras para os garotos de rua."

No bairro existe uma Associação de Moradores que não é atuante; o presidente, segundo o depoimento, "não quer assumir e nunca fez nada pelo bairro". A entrevistada analisa a convivência entre o Clube de Mães e a Associação de Moradores:

"Quando nós criamos o Clube de Mães parecia que nós queríamos competir. Procuramos o Presidente quatro vezes e ele diz que dá trabalho. Quando nós começamos o clube eram só mulheres e o meu marido é a mãe do clube. Então para não ser só de mulheres fundamos o Centro de Integração
..... Como eu falei que nós achamos a necessidade de registrar o Centro de Integração, Dom Mauro não gostou. Ele achou que se registrasse, desligaria então da Igreja; até eu comentei, eu não me desligo da Igreja porque sou cristã. Estamos ligados à Igreja, mas o Centro de Integração vai ficar particular... Pela Igreja a entidade não repassa nada. Nós temos estatuto, CGC. A gente não define religião. Atendemos a qualquer religião."

A aproximação com a Fundação EDUCAR, ocorreu numa reunião na Diocese com o representante do UNICEF, que expôs a proposta. O projeto seria viabilizado pela Igreja e "parece que Dom Mauro não aceitou então a gente fez pelo Centro de Integração".

Em relação ao Projeto de Educação Básica manifestou-se positivamente, quanto:

"O trabalho está muito bonito! Uma casa fora de série! Fui nas classes duas vezes. Eu fico tão feliz que vale a pena contar porque as salas estão muito cheias! Não dando! Está com 5 salas, tem sala que parece que tem 38 alunos. Quando fechou as matrículas, teve gente que chorou. Tem pessoas com 63 anos que estão estudando. Tem uma senhora que disse: "mas que coisa boa foi estudar, só de um pensar que eu faço o serviço cedo para depois

estudar, eu não estou tomando nem remédio!" Eu achei importante a bessa... Eu espero que continue.

A diferença entre o MOBREAL e a Fundação EDUCAR está relacionada à assistência técnica e à aproximação não só com a equipe central, como também entre os supervisores.

"Eu acho que para melhor. Porque o MOBREAL não tinha uma assistência como a Fundação EDUCAR está dando. Eu acho importante esta aproximação dos supervisores com a administração. Além delas estarem juntas aqui, elas trazem orientações de lá para cá. Eu acho que esta aproximação está sendo muito válida porque antes, no MOBREAL, não tinha. Além disso o supervisor é da comunidade. ----. Na época do MOBREAL não tinha atendimento, o pagamento era atrasado. Agora não o pagamento saiu direitinho. É muito bom está tudo legalizado....."

O ponto negativo em relação ao Projeto segundo a entrevistada diz respeito ao atendimento que a supervisora de sua área tem que dar às classes de uma outra comunidade, que fica distante.

3.2 Impacto ao nível dos Supervisores Pedagógicos

3.2.1 Grupo CARITAS

Entre os dois supervisores pedagógicos entrevistados um deles é líder comunitário e outro participa de trabalhos comunitários desde pequeno. Ambos são jovens, estudantes universitários, de 20 e 25 anos de idade, e moram na Baixada Fluminense desde quando eram crianças.

Os dois supervisores começaram sua trajetória de participação na comunidade através de movimentos de Igreja: Grupo de Jovens e outros projetos no âmbito da Igreja.

"... nós somos da geração PUEBLA, né, ou seja, quando a gente entrou, a Igreja estava discutindo Puebla, estava se preparando para ir para a Conferência. E a gente participou de toda a discussão, aí, a gente teve contatos com padre dentro de uma linha de Puebla que me ajudaram bastante na minha reflexão que tinham uma linha mais voltada para os jovens, né. E aí essa formação de Igreja, que foi uma formação bem aberta, bem Terceiro Mundista, digamos assim, não foi conflituosa, quer dizer, eu não me senti numa situação difícil como muitas pessoas se sentiram com essa guinada que a Igreja deu; comigo isso não ocorreu porque eu já entrei pra Igreja tendo uma visão; é da Igreja progressista, digamos assim."

Percebe-se no entanto, que o trabalho desses supervisores, no âmbito da Igreja, é distinto, enquanto um deles continua participando do trabalho pastoral da Igreja, o outro já não está mais engajado nesta linha.

"... a gente tem uma articulação mais geral, mas não engajada na questão de catecismo, liturgia, essas coisas a gente não faz..."

Este último, participa também de movimentos ligados a Associações de bairros:

"...tinha uma luta específica no bairro que a gente precisava se posicionar..... Fizemos um movimento dentro do bairro, bem amplo mesmo, de conscientização das pessoas, e que chegou um momento que a gente tinha que se somar com a Associação de Moradores; a gente enquanto grupo não daria para respaldar uma luta-dessa...."

A relação Igreja/Associação de Moradores encontra a seguinte explicação por parte desse supervisor:

"Durante muito tempo, né, o Movimento Popular, o MAB, por exemplo, se confundia com essas Igrejas; quando tinha uma manifestação da Igreja tava lá o público e na manifestação do MAB é esse mesmo público.....
Entende, a gente percebia, inclusive a gente mesmo estava nesse processo; a gente tava no movimento de rua e no movimento de Igreja; o que distingue é um pouco as lideranças, as lideranças do movimento da Igreja são umas e do movimento popular são outras."

Na realidade, o supervisor faz parte de um grupo que teve origem no Grupo de Jovens e utiliza o espaço da Igreja para desenvolver seu trabalho que consiste numa proposta, segundo eles, muito mais de bairro do que dirigida aos grupos de Igreja.

A entrada desses supervisores no projeto foi bastante discutida e questionada por eles mesmos.

Um dos supervisores, que representa a opinião de um grupo do qual alguns membros também fazem parte do projeto, coloca que o projeto foi aceito na medida em que ele apresenta algumas brechas, como por exemplo, o fato de o monitor e o supervisor serem pessoas da própria comunidade, proporciona uma infra estrutura, renumerando, inclusive, razoavelmente a equipe envolvida no projeto.

O processo de aceitação não foi muito fácil, uma vez que o grupo em questão já havia decidido, anteriormente, desenvolver um trabalho de alfabetização, temendo não obter condições de trabalhar de acordo com suas perspectivas.

Ainda segundo relato do supervisor, durante o período de negociação do convênio com a CARITAS, esse grupo, em determinado momento chegou a pensar em não aceitar a proposta, ao tomarem conhecimento não somente da existência de uma cartilha pronta, mas também das informações contraditórias emitidas nas reuniões de negociação.

É importante ressaltar que embora o convênio fosse assinado pela CARITAS, essa discussão em torno da aceitação do projeto estava acontecendo sem a participação da direção da CARITAS. Ou seja, o grupo estava discutindo a participação deles enquanto grupo no projeto e não a assinatura do convênio, decisão que caberia, de fato, a CARITAS.

Após esse período de discussão, o grupo procurou a CARITAS levando a posição "de aceitar o projeto para ver o que vai dar:"

"Aí quer dizer, passar dessa fase, que foi uma fase assim meio de descoberta e de angústia, um pouco de surpresa com uma série de coisas do projeto, a gente depois vai conhecendo melhor as pessoas, né, tendo um trânsito melhor com o pessoal da EDUCAR. A gente percebeu que o projeto tava tanto dependendo da EDUCAR quanto da gente, né, quer dizer, a coisa não era só de um grupo; era de todo mundo senão o barco afundava. E a partir daí ficou muito mais fácil a gente aceitar. E nos seus aspectos eu acho um projeto bem diferente, né, quer dizer, usar o termo revolucionário seria um pouco, não sei, não sei se caberia, mas ele é bem inovador, né, quer dizer ele traz o monitor da comunidade, ele traz o supervisor que conhece as comunidades onde trabalha."

Outra indagação levantada por um dos supervisores, foi a razão da escolha da EDUCAR em fazer um trabalho conjunto com entidades não-governamentais ligadas a grupos organizados da sociedade civil:

"...eu tava pensando em casa, como poderia, por que a Fundação não procurou as Prefeituras e tudo, né, porque aí haveria a questão de peixinho e tudo mais e não atenderia realmente (interrupção), então, não seria atendido as comunidades que mais necessitariam. Então esse lance de levar pra uma Instituição CARITAS, MAB, eles sabem onde estão os problemas, né, então acertou lá na ferida, tocou lá na ferida, eu acho que vai levar, vai assim o surgimento maior, uma abertura maior dessas pessoas da comunidade vai prosperar, né, levando, assim, essas pessoas a pensarem, a raciocinarem e essa comunidade vai prosperar no sentido da alfabetização."

Passando a fase de implantação, e após dois meses de funcionamento das salas de aula, o projeto, segundo a opinião dos supervisores pedagógicos entrevistados, está sendo considerado "inovador" conforme já foi colocado anteriormente, em um dos depoimentos transcritos, "válido" e "sério", necessitando porém, alguns acertos.

"... é uma proposta muito válida, não é uma proposta de alienar a cabeça dos alunos mais sim de abrir; como eu já disse, a cabeça desse aluno orientando não só na escrita, né, mas tudo mais, a vida dêle num ciclo, né, num ciclo social e tudo..."

"... isso tudo tem assustado diversos monitores que perceberam que o projeto é sério, que a coisa é séria. Com a experiência de MOBREAL ou de outras escolas, mesmo que eles não tinham obrigação, hoje não, hoje se passa que ela não está ali apenas ensinando alguém a ler e escrever, mas que ele está também trabalhando, né, todo um processo de educação popular."

Comparando os depoimentos dos supervisores por ocasião da seleção da equipe com os da entrevista realizada após dois meses de implantação do projeto, observa-se que, no que se refere ao conceito de educação de adultos, para um dos supervisores não houve alteração desta concepção enquanto para o outro percebe-se a introdução da preocupação com a escolaridade.

Para o primeiro supervisor, a Educação de Adultos foi definida no momento de seleção como um processo de conscientização e aquisição da noção dos direitos do cidadão e no momento da entrevista foi dado o seguinte depoimento:

"... na educação de adultos a pessoa já tem a mente formada, né, naquilo, como eu já disse, na capacitação, naquela entrevista para escolher supervisores, é não é questão da pessoa analfabeta não ser uma pessoa educada no sentido de ter uma abertura, uma visão alta das coisas que está acontecendo. Essa pessoa analfabeta tem condições, né, então, essa educação pra analfabetos seria assim a pessoa que tem ainda uma farpa nos olhos, tirar e, com esse processo de alfabetização que está acontecendo aqui junto com o projeto da EDUCAR, tentar abrir mais a mente das pessoas, tirar essa farpa."

O outro supervisor no momento da seleção expôs que para ele a Educação de Adultos seria "tornar o adulto um sujeito da sua história" e nos diversos depoimentos fornecidos durante a entrevista, realizada após 2 meses de implantação e transcritos mais adiante neste trabalho, observa-se o despertar para a questão pedagógica.

Este supervisor considera que as propostas educativas existentes nas comunidades carentes, de modo geral, são inadequadas. Para ele uma proposta de educação para o povo só será viável numa linha de educação popular buscando formas alternativas.

"Educação seria a gente tentar perceber o que de concreto exista né, na cultura na forma de vida, na forma de ser do povo e a partir daí valorizar isso, né,

e é claro fazer com que aumente e cresça a consciência que essas pessoas tem do mundo, nê, num sentido até de um entendimento do mundo não apenas espontaneísta, nê, no sentido que eu vi, entendi, não mais no sentido de ver o que está por trás, nê, mas também de saber que o que tã sendo feito, nê, em termos de vida, tem valor, nê, e tã no processo. Então, quer dizer, eu hoje só vejo educação por aí, de uma forma popular..... o povo produz uma ideologia deformada, própria não sei, mas a gente acredita nisso, e eu concebo educação, hoje assim...."

No que se refere ao projeto aqui avaliado, o supervisor relata alguns pontos inadequados, a seu critério, a uma proposta de educação popular. Cita a experiência de uma das Assembléias realizadas com a EDUCAR e a participação das lideranças da CARITAS, dos supervisores pedagógicos, auxiliares administrativos, monitores e alguns alunos:

"uma das coisas que muito me preocupou foi que nôs reproduzimos todo o jeito de ser; nôs não fizemos um encontro com o pessoal que está sendo alfabetizado, nôs fizemos um encontro para eles, nê. E nôs fomos, nos reproduzimos toda a forma de ser de alguém tipo assim, é, parecia nôs nivelamos por nôs, nê, o trabalho da Assembléia foi um pouco assim, nivelamos por nôs, então nôs escrevemos no quadro, nôs, todos os relatores do grupo ou eram monitores ou assistentes administrativos; não saiu ninguém aluno (inaudível), e porque ele não sabia escrever pra ler, e mas será que não existia outras formas de apresentar um relatório sem ser através da escrita sem ser através da fala bonita, pausada, sei lá o que?"

Ainda em relação ao evento acima mencionado, o supervisor questiona as palavras utilizadas durante o trabalho de grupo:

"... três palavras que foram bastante citadas no meu grupo: Trabalho, Luta e uma outra, Tudo palavras fortes, que, a gente ouvindo isso, é importante, nê, mas sabe ninguém falou em Alegria, ninguém falou em Amor..... E a sala de aula necessariamente não é o lugar sô pra gente ficar falando da nossa luta, do nosso dia a dia, quer dizer, o dia dia também é uma questão de interior, nê...."

.... E acho que é um pouco por aí, eu acho que a gente teria mais condições de se identificar com nosso povo mesmo, na medida em que a gente tivesse uma pedagogia, né, mais real, mais dentro da realidade do povo mesmo, e o povo de forma nenhuma ele é triste, de forma nenhuma ele é, digamos assim, é não sabedor, ele é ignorante, muito pelo contrário, ele entende o mundo ele tem uma concepção..."

Os supervisores entrevistados apontaram também as dificuldades encontradas até o momento, para o desenvolvimento do projeto em sala de aula.

Na opinião de ambos os supervisores, não houve tempo necessário para a capacitação de monitores e alguns estão sentindo dificuldades.

Eles observam por parte dos monitores um certo desconhecimento do que seria o projeto no qual eles estão engajados. Alguns monitores, a seu ver, parecem só estar descobrindo o projeto agora, e, desta forma, sentem-se "impotentes" ou "incapazes" de levá-lo adiante.

Entre esses monitores, alguns estariam executando um trabalho de forma monótona, muito metódica e apenas copiando no quadro.

O nível de engajamento, segundo eles, varia de um monitor para outro, existindo até mesmo uma certa resistência em relação a proposta de trabalho desenvolvida.

Um dos supervisores coloca que a questão da formação, por exemplo, em alguns casos, passa como mais uma tarefa, quando na visão desses monitores, eles teriam sido contratados para ensinar a ler e escrever.

A resistência de certos monitores também está presente em relação a algumas propostas de trabalho em sala de aula:

"...Ah! Esse exercício eles não vão entender, esse tipo de trabalho em grupo é só um que fala..."

Em relação a tarefa de supervisão pedagógica, antes de falar das dificuldades sentidas pelos supervisores no dia a dia, é importante mostrar como está sendo percebida, por eles, a função da supervisão:

" eu vejo que o nosso principal papel, né é de dar segurança ao monitor, né, até dele usar isso, (o aprendizado, montar as palavras etc.) que é o fundamental, é o feijão com arroz dele no dia a dia da sala de aula, mas é também colocá-lo dentro de uma realidade maior que é de trabalhar com o aluno de uma forma

existencial, quer dizer, de vida; não deixar passar as coisas como a escola passa, sem qualquer contexto, sem qualquer sentido prático; é um pouco essa questão da formação.... e é claro a troca de experiência entre a gente e os próprios monitores ajuda a gente a refletir sobre tudo que ocorre em sala."

"... o supervisor é ponte; por exemplo, eu sou supervisor da Fundação, da CARITAS, nas turmas, me cobram, não, né, me pedem, me cobram, né, uma coisa que não seja repressora, né, mas que a supervisão seja pra ajudar essas pessoas a ter um trabalho melhor, então é uma ponte; eu levo, eu trago, né, e eles me trazem e levam também, então, o trabalho da supervisão pra mim é isso; não assim questão de bode expiatório, não, mas sim, de tentar, né, amenizar a situação na questão de ponte."

Ao falarem das dificuldades sentidas para execução de suas funções, um dos supervisores mencionou estar tendo alguns problemas com pessoas que não fazem parte da equipe do projeto e, que por questionarem o projeto da EDUCAR, estariam interferindo no seu trabalho de supervisão. Em relação aos momentos de reciclagem com os monitores, em certa ocasião, as interpelações dessas pessoas foram tantas que não houve possibilidade de realizar a reciclagem.

O outro supervisor mostra sua preocupação em corresponder às expectativas dos monitores e até dos alunos, sendo esta a primeira ocasião em que trabalha na educação de adultos, mais especificamente a alfabetização.

"... Eu não tinha nenhum trabalho de educação de adultos, né, de alfabetização; tinha lido alguma coisa sobre Paulo Freire, mas mais preocupado com a questão de trabalhar com o povo, não de alfabetizar. Tã sendo uma coisa nova pra mim, e o que me ajuda é sô o fato da gente já estar envolvido com a coisa, na sua proposta maior, né, mas na sua área específica que é o ensino, a alfabetização, a questão da leitura, a escrita, isso é novo, eu não tinha experiência..."

Quando a equipe desse supervisor foi participar da mobilização de alunos fizeram a seguinte constatação:

"...e a gente percebeu, né, que a grande intenção era tipo assim, ir no supermercado e aprender a ler para não ter que ficar perguntando preço nem nome de coisa a ninguém; o ônibus, né, pessoas que

querem assinar o contra cheque de uma forma mais rápida, nê, porque eles até sabiam, nê, mas aí demorava muito, aí, o cara que tava atrás na fila reclamava, nê, no banco, nê, e ele se sentia constrangido com isso, e a gente via que era um pouco por aí a preocupação das pessoas, nê; e a nossa preocupação era de dar essas condições, mas também era outra, nê, não é só isso..."

O supervisor se indaga quanto à sua contribuição ao monitor na prática da sala de aula; e percebe que existe uma questão pedagógica que deve ser aprofundada na alfabetização de adultos.

"... é o trabalho de auxiliar no b, a, ba; a gente não encontra, por exemplo, quem pensa que, ao ler Paulo Freire, vai encontrar exercícios, não tem. Ele trabalha a questão da consciência, ele trabalha a questão do crescimento da pessoa, do indivíduo, do ser, mas não a prática de sala de aula. Você encontra em experiências que outras pessoas já fizeram e, aí, tem pouca coisa publicada..... quando o supervisor vem com a proposta de que o ditado puxa pouco, não é por aí, vamos trabalhar primeiro a construção das palavras, nê, mostrar pra ele a dinâmica de construção tal, sabe aí você fica um pouco sem alternativa, nê, porque você oferece uma coisa enquanto ele tem pelo menos dez outras coisas que ele já se acostumou a reproduzir, nê, e você tá dando apenas uma e como é que ele vai preencher a semana dele, quando você vem apenas um dia. Aí também eu vejo que necessariamente o supervisor não tem que definir todo o trabalho do monitor nê, seria um absurdo..."

Os dois supervisores apresentam críticas em relação ao trabalho desenvolvido pelo MOBREAL, no passado, e demonstram estar confiantes na atuação da Fundação EDUCAR, a partir da experiência do projeto do qual participam.

"a EDUCAR é uma instituição, nê, que tá querendo remodelar, nê, pelo que foi feito pelo antigo MOBREAL, nê, tá querendo remodelar e colocar uma coisa e assim bem mais equiparada, assim bem mais balanceada, tentando realmente, nê, levar o índice de analfabetismo assim a diminuir, que pela proposta dada é uma proposta muito válida..."

"... a gente tã percebendo o quanto não se estava trabalhando corretamente, eu acho que o negativo é olhar para o passado, é ver o que foi feito ontem e ver que não serviu de nada, nê, isso que frustra um pouco, mas como já passou e agora a gente tã concretamente com uma coisa pro futuro e pro presente então isso não importa..."

"... a gente sente uma necessidade muito grande de crescer nesse campo e o Projeto da EDUCAR, nê, tem, assim, sido o que mais tem colaborado com isso devido à sua intensidade..."

Existe uma grande preocupação com o futuro do projeto, por parte desses supervisores. A pergunta é: o projeto vai ter continuidade? Um grupo já está pensando na avaliação da experiência e discutindo o problema da formação e capacitação de monitores para o próximo ano.

3.2.2 Grupo MAB

No MAB, todas as supervisoras são do sexo feminino, por este motivo, só pôde-se entrevistar duas supervisoras mulheres com características distintas.

A primeira supervisora entrevistada é uma importante líder comunitária da Baixada Fluminense, tendo sido Presidente do MAB no passado. Casada, mãe de dois filhos, 58 anos, nascida no interior do Estado do Rio de Janeiro, filha de operários sindicalistas, tem sua história de vida intimamente ligada à luta do povo brasileiro pela justiça e pela democracia. Trabalhou como operária até o casamento e depois, apenas com o curso primário, criou uma escola para alfabetizar crianças no quintal de sua casa. A escola desta líder ficou conhecida por todos, já que naquela comunidade não havia nenhuma escola. Através da luta dos moradores, a prefeitura reconheceu a escola como pública e a própria comunidade, com recursos conseguidos através de campanhas, construíram um prédio para a escola.

Depois desta luta e reconhecimento da escola pela prefeitura, a entrevistada foi contratada como professora e foi diretora durante 20 anos. Nestes anos em que dirigiu a escola, a supervisora fez o curso supletivo, chegando a se formar pela Universidade em Pedagogia - Orientação Educacional. Participante ativa do movimento de mulheres, ela organizou o 1º Encontro de Mulheres da Baixada Fluminense. A entrevistada foi candidata a vereadora em 1976, participou do Conselho Comunitário entre 1973 a 1978, foi membro da equipe de educação da Caritas Diocesana de Nova Iguaçu e participa do MAB desde sua criação.

A segunda supervisora entrevistada é jovem, nasceu na Baixada Fluminense, é solteira e vive com os pais. Tem nível universitário, estando no 3º ano da Faculdade de Letras em Nova Iguaçu. Seu engajamento no movimento comunitário se deu a partir da ativa participação no Grupo de Jovens da Igreja de Nova Iguaçu. Deste trabalho, nasceu um interesse maior pelos problemas do povo da Baixada e iniciou um trabalho com a Associação de Moradores de seu bairro.

Em relação ao conceito de Educação, percebe-se nos dois depoimentos um entendimento amplo sobre Educação:

"Educação?... acho que é uma conscientização, né? Pessoa tomar consciência da vida, dos problemas.... eu acho que a pessoa só está educada quando ela está consciente da vida, dos problemas."

".... educação.... vejo de uma ótica mais global?, né? Eu acho que educação não é aprender ler e escrever só, né?... Todos devem participar.... educação é capacitar as pessoas pra viverem em comunidade, pra ter o espírito crítico primeiro, né?... Pra ter opinião própria... Pra praticar a democracia..."

Educação é uma coisa muito ampla e.... importante pro crescimento da pessoa humana e.... a participação... o envolvimento das pessoas nas lutas por um mundo melhor... Eu acho que não é só a escola que educa, né? E aí a gente faz uma crítica muito grande aos meios de comunicação, não é? Por que a escola hoje no momento, na maioria das escolas que a gente conhece... a escola não é um órgão educador é muito mais um órgão repressor... Os meios de comunicação são racistas, quase sempre são crianças brancas, louras e bonitas.. .. brinquedos sofisticados que a criança da Baixada só vê e deseja e até... deseja.. ..Programas que exaltam a violência... o crime é humorizado, né? E o sistema permite tudo isso, é o grande cúmplice, grande culpado..."

Sobre a educação dos adultos, os depoimentos são os seguintes:

"Muito importante... porque tem muitas pessoas que não tiveram oportunidade na vida."

"Na alfabetização de adultos eu acho que esse processo de trabalhar em sala em círculo e o processo de valorizar a palavra cultura, das pessoas ter acesso a todas informações, de discutir de ter o direito de dar opinião, ter direito de fazer o depoimento da sua vida, então, eu acho que é o caminho certo... sem badalações... sem balizas o poder. Educação teve que ser formativa."

"Educação de adultos é mais um pouquinho, um adulto educado é falar bem todos os problemas... ele não tem medo de falar... de discutir constituinte e fala abertamente sobre isso."

O Projeto de Educação Básica objeto da avaliação, está sendo considerado pelos supervisores, como importante e adequado à realidade do aluno da Baixada Fluminense porque a proposta pedagógica ensina a ler e escrever através dos problemas que afetam aqueles bairros, e são as principais lutas das associações de moradores.

"Porque eu acho que tá correto... tá tudo muito democrático... elas puxam ao máximo pelos supervisores, quer dizer eu acho que a democracia tá vindo de cima, quando se respeitar as associações de moradores, quando os supervisores foram indicados também pelo.... trabalho

comunitário, né? Quando a prova para o monitor envolve também um compromisso... uma visão crítica.... um respeito comunitário.... Isso é uma coisa correta... .. boa... que ... uma coisa de emocionar... .. que tem sô que caminhar pra frente... tem que se expandir cada vez mais."

"O negócio é caminhar com os pés no chão e não no que está no papel, preocupado com a realidade... acho que a EDUCAR está fazendo isso... eu tô satisfeita de participar."

Em relação ao trabalho do MOBREAL, a avaliação dos entrevistados é bastante crítica:

"Acho que antigamente, no MOBREAL era pra entender o pessoal, enquanto estavam buscando a - e - i - o - u não tinha tempo de pensar nas outras coisas... ninguém falava dos assuntos do país, do Brasil, agora a gente fala, né?"

"Supervisão antigamente era papel, aqui não!... aqui é o professor ver o supervisor. As pessoas tão se preocupando. No MOBREAL não tinha nada disso... era outra coisa..."

Para as duas entrevistadas é a primeira vez que trabalham como supervisoras. Para uma delas o supervisor é um amigo, é uma pessoa que orienta melhor o trabalho em sala de aula porque está olhando com uma certa distância. Percebe-se uma certa dificuldade especialmente na questão pedagógica.

"... Orientar essa parte mais pedagógica tava difícil pra mim... Agora o que é muito fácil pra mim é a parte comunitária... como juntar as pessoas, como conversar com os alunos, como entusiasmar as pessoas, como organizar junto essa assembleia comunitária... Então isso pra mim é coisa fácil é toda uma vida... é meu dia a dia... tã tudo dentro de mim não preciso aprender mais... Então, essa parte que eu tenho que aprender mais... e ficar um pouquinho mais difícil..."

Entre os conteúdos a serem trabalhados que os supervisores vêm encontrando maior dificuldade destacam-se os de matemática, estudos sociais e ciências. Eles solicitam um maior aprofundamento nas atividades.

As supervisoras consideram que o fato delas conhecerem a realidade da Baixada Fluminense facilita o desenvolvimento do Projeto. Pensam também que o processo da seleção dos supervisores para o Projeto foi democrático e que a entrevista serviu para que eles pudessem expor o que pensam.

No que diz respeito ao papel do Estado na educação, as supervisoras consideram que o Governo valoriza pouco a educação e principalmente o papel do professor, refletindo nos baixos salários. E mesmo em relação ao Projeto da EDUCAR reclamam do pagamento de apenas um salário mínimo para os professores.

Outra questão recorrente nas entrevistas refere-se ao problema da capacitação dos Supervisores:

"A gente deveria ser mais capacitado. Agora a gente começou a chegar onde nós estávamos querendo, né? Antes nas capacitações, a gente falava, falava, mas não tinha nada de concreto pra passar pro professor... Agora, nos últimos dias, a gente tá bolando atividades.. Antes a gente chegava pro professor e fazia a mesma coisa, falava, falava e nada de concreto... agora estamos mostrando um caderno de atividades... tem um grupo bolando temas... constituinte, violência... pra poder passar pro pessoal..."

No geral, os supervisores estão otimistas com o projeto e acreditam na sua continuação, apesar de temerosos com o momento político eleitoral em que o país vive. Eles consideram que, do ponto de vista pessoal, o projeto vem possibilitando uma experiência na área de educação de adultos, o que possibilita uma melhor formação como educadores.

"O supervisor vai crescer muito como pessoa e como um agente transformador também, não é? da realidade."

"Estou feliz de como estão respeitando a gente... nada é imposto... a prática é democrática, não é? O que não é uma prática muito frequente da área de educação, né? Os iluminados, né?... coisas terríveis acontecem."

"Quando não tá dando certo... vamos parar... a gente pára e faz uma reciclagem... então eu acho que esse pé no chão tão sempre preparado pra mudar.. as coisas não estão prontas as coisas, vão sendo construídas, não é?"

"Isso acrescenta pra mim, fez eu aceitar a supervisão... enriquece a nossa vivência... As pessoas vão ter uma nova imagem de supervisão, supervisão não é fiscal, fiscalizar."

3.2.3 Grupo das Associações Independentes

Os dois supervisores pedagógicos entrevistados são jovens de 26 e 22 anos, um tem o curso superior de Letras completo, e o outro está cursando o 4º ano de Filosofia. Vieram morar na Baixada Fluminense, ainda crianças, acompanhados de respectivas famílias.

A trajetória escolar é muito diferenciada, enquanto um seguiu o caminho laico, o outro estudou durante 3 anos no seminário fazendo o 2º grau.

Antes de entrar para o projeto os dois já haviam trabalhado, sendo que um como professor e outro em fábrica de roupa e, também, como ajudante de carpinteiro na construção civil. Portanto, têm práticas diferenciadas.

A dimensão comunitária surgiu de forma distinta em cada um deles, enquanto um foi introduzido nesta área através do movimento de mulheres, o outro conscientizou-se deste movimento, através da igreja. Assim, podemos observar que cada um deles possuem concepções distintas.

"No ano passado começou o movimento de mulheres na comunidade para se reunirem toda a 4a. feira para fazerem trabalhos manuais, daí, surgiu a idéia de se fundar um clube de mães. Começou este clube de mães, tá, quando foi este ano.... eu comecei a participar de reuniões e elas começaram a reivindicar as suas coisas. Registraram o clube de mães, tá tudo legalizado, e começaram a ir buscar os seus direitos né, começaram a reivindicar melhoria para o bairro, e, aí, eu fui também entrando junto com elas, e acabei me enturmando."

"comecei a ingressar no seminário e fiz um trabalho de igreja.....; tive uma experiência com pastoral da juventude e a gente tentou levar uma proposta mesmo de grupo de base que as pessoas se encontrassem por afinidade.. a maioria das pessoas estavam muito desorientadas, primeiro porque a minha geração de 64 não teve, não tem uma remissão histórica."

A entrada no projeto, por conta das perspectivas de vida, foi diferente; enquanto um tinha uma bagagem política, o outro tinha um envolvimento com o Clube de Mães.

"Quando eu entrei para o projeto, quer dizer, a minha questão da entrada era devido a participação política. Eu via que ele tinha um potencial muito grande, de a gente no bairro engrossar as fileiras das pessoas preocupadas pela

transformação e isto me atraía e atraía um grupo de pessoas que via nisto uma proposta de educação, mas com um conteúdo político, com uma militância, ter uma participação efetiva na transformação da realidade, e como se daria isto na sala de aula, na experiência através do ler, escrever. Seria fundamental o ler e o escrever, mas por aí não ficaria toda uma posição política."

A concepção de educação dos dois é muito diferenciada; enquanto um a concebe num sentido mais amplo, o outro a vê não somente como informativa, mas também como formativa.

"Ah! Educação abrange tanta coisa, né? Educação é tudo. É o modo de vida, é tudo, tudo relacionando com a nossa vida; para mim, vem a ser educação."

"A educação é uma palavra, assim, mais forte do que somente alfabetizar; eu acho que é como um aluno respondeu, né? A pessoa educada é aquela que sabe falar e sabe se apresentar em qualquer lugar. Então, vejo que a educação tem duas partes: a primeira parte que seria a informativa, você recolhe informação que se aprende, fatos dados, história, e tem a outra parte onde você articula tudo isto através do raciocínio, e consegue expressar o que você sente, e você sabe concatenar, você sabe expor fatos, você sabe fazer síntese e análise da realidade."

A visão de educação de adultos também é muito diferenciada; enquanto um a percebe no âmbito da sala de aula, o outro a amplia, e introduz a dimensão comunitária.

"Eu vejo a educação de adultos, assim, como sendo uma troca de experiência, e o professor transmitindo para o aluno os seus conhecimentos em termo de cultura."

"A educação de adultos neste projeto envolve duas partes: a primeira seria a parte formal tentar levá-los a ler e escrever e, dentro dessa parte da leitura e da escrita, a gente tenta dar uma visão do modo, como se organiza o nosso mundo, como se organiza a nossa sociedade, a partir lá da nossa realidade - São João de Meriti, do nosso bairro, como está organizado o nosso bairro, quer dizer, diante disso a educação passa a refletir, a pessoa toma, vamos supor, uma vivência,

uma experiência que as palavras transmitem uma certa organização do mundo, e, aí, elas vêm como elas estão situadas dentro deste mundo. É este o mundo que elas querem? Ou é um diferente?"

Contrastando os conceitos sobre educação de adultos formulados durante a fase de formação de projeto e dois meses após a sua implantação, observa-se que um dos supervisores amplia a sua concepção de educação, ao mesmo tempo que o outro manteve a sua posição inicial.

"... abrange várias coisas; com crianças é mais fácil, você vai transmitir conhecimento."

"... permitir ao adulto condições de leitura e escrita, e, daí, conhecer o mundo por si só."

O primeiro expôs o seu ponto de vista sobre a negociação e implantação do projeto colocando que o projeto foi inicialmente negociado junto à Igreja local, como esta não quis desenvolvê-lo, este foi repassado para a Associação de Moradores.

"Uma coisa que não ficou muito claro, eu acho que, aí, foi um ponto que atrapalhou o andamento do projeto, foi a rapidez que ele caiu porque foi igual lá em São João de Meriti. No projeto que eu estou falando, ele veio para as mãos da Igreja, para Dom Mauro, quer dizer, em nome da Igreja ele assumiria. Dom Mauro falou que não, que estava com um certo receio e que projeto é este que alguns já estão saindo fora, não quer aceitar o projeto com as limitações? Aí quando veio para o bairro, ele veio numa situação que as pessoas (inaudível) ficar mobilizadas com um canal que assuma o projeto como entidade, então passou um pouco disso, a Associação de moradores foi usada para que o projeto pudesse ser viabilizado, quer dizer, então não foi uma discussão interna, mais arraigada; os prós e os contras da associação não foi discutido. Foi discutido, assim, da Igreja quando a Igreja rejeitou; nós não podemos perder esta oportunidade que era a oportunidade de fazer um trabalho para a comunidade, para as pessoas que precisavam. E outra coisa, para as pessoas do próprio bairro trabalharem, terem um posicionamento até de emprego, as pessoas precisavam trabalhar, então, tinham mais coisas envolvidas, e eu vi, mas pode ser até uma impressão falha minha que a associação passou assim como uma ponte, está entendendo?"

Os impasses já vivenciados apontados pelos supervisores na prática da supervisão foram: o da efetivação; o da sua aproximação com os professores e alunos; quando e como interferir nas aulas, sem tirar a autoridade do professor em sala; e qual seria a identidade dos supervisores repassadores de recados da Equipe central da Fundação EDUCAR ou assessores dos professores?

"Bom o papel do supervisor. Olha, é como eu disse na minha entrevista; e de vez em quando, eu debato. O supervisor não é só para entrar na sala e observar a aula do professor. Eu acho que o papel dele é de orientar, de colaborar, de conhecer os alunos e tentar ver o comportamento de cada aluno, o comportamento dos professores. Entendeu; é orientação, é acompanhar o trabalho do professor mesmo. É assim que eu vejo a supervisão."

"Primeiro a gente estava achando que o papel do supervisor seria um assessoramento, ele estaria ligado diretamente, vamos supor, aos professores. Ele veria o processo como um todo e poderia avaliar, quer dizer, participar intervindo nos momentos necessários, e até vendo como se comporta os alunos, os professores no momento de sala de aula. Você está dentro e ao mesmo tempo não está no projeto, mas com prática a gente está vendo outra coisa. O supervisor, a gente se sente como um leva e traz. O que significa isto? O professor tem autonomia na sala de aula, a coordenação, vamos chamar assim o pessoal aqui da Fundação EDUCAR tem sua autonomia perante o projeto. O supervisor, como ele, faz o elo, ele está no meio dos dois. Ele tem que estar indo às aulas, e tem que estar avaliando a equipe, então, quer dizer, a gente pergunta: nós somos meros repassadores de recados, somos mensageiros? Quer dizer, a gente está se questionando, eu me questiono qual é o meu papel enquanto supervisor, se é isto? Porque a prática teoricamente não passa isto, mas a prática parece que faz um pouco disso, faz a gente criar os mensageiros, e mensageiros, em certas horas, parece que a gente não dá o recado como deveria ser dado. Então, é necessário intervenções diretas da coordenação porque o recado não foi bem, quer dizer, isto é uma impressão que a gente tem."

No que tange à prática da supervisão um dos supervisores apontou que está tendo dificuldade em supervisionar classes que são distantes da sua comunidade. O outro supervisor indicou alguns pontos que, para ele, não ficaram claros, e que estão sendo contornados na prática.

"A gente enquanto supervisor não definiu o nível de atuação pelo menos, eu tenho muita dúvida como fazer uma intervenção em sala de aula. Se o professor ia ficar melindrado perante os alunos, se não se esperaria acabar a aula; e demorou muito, demorou quase um mês para eu poder ver uma intervenção de uma pessoa da EDUCAR em sala de aula. Eu queria ter visto isto antes, o comportamento, o momento da intervenção."

O que está faltando no projeto para que ele pudesse ser melhor efetivado passa pelo pedagógico e pelo político, segundo os supervisores. No plano pedagógico enquanto um expõe a necessidade de mais subsídios para passar para os professores, o outro questiona a heterogeneidade do grupo de aluno, o trabalho diversificado e a aprendizagem. Este mesmo supervisor também menciona o plano político da necessidade de se organizar um grupo antes da implantação do projeto.

"Acho que primeiro antes da sua efetivação tivesse feito uma grande assembleia mesmo com o público local, quer dizer, reunir e perguntar realmente qual a categoria de pessoas, se elas queriam um projeto de alfabetização; é claro que elas iriam assumir ali, com a presença da localidade. O fato seria uma coisa muito mais divulgada, teria muito mais respaldo, sabe?
É outra coisa que eu sinto dificuldade é a seguinte: que a gente trabalha com turmas muito heterogêneas, pessoas de 15 e de 60 anos. A gente tenta dividir isto, tenta concentrar pessoas mais novas e pessoas mais velhas, mas depois que o processo começa, há o problema, a não saio deste professor. Eu comecei com ele agora, eu estou aqui, estou bem, não saio, então você vê a disparidade que cria o solo.
..... Para a professora é difícil, principalmente, porque existem pessoas mais novas e mais velhas, e uma coisa, as pessoas mais novas aprendem mais rápido, mas não discutem tanto como os mais velhos, então enquanto que os mais velhos motivam a discussão mais na parte, vamos supor, formal, eles são mais devagar, demoram mais a aprender, e o professor não dá para fazer um acompanhamento que o projeto pede muito, ele sozinho na sala de aula; no momento, como o do tema que era para ser um momento rico, que era para perceber como funciona a cabeça das pessoas, e a partir daí sim, fazer uma intervenção, mostrar como é a verdade;

ele não tem, ele sozinho para conduzir a discussão, ele se perde, ele está dando o tema porque foi uma orientação, então as pessoas discutem muito rápido e não passam por um nível mesmo de análise. Se tivesse no momento do tema pessoas comprometidas, nem tanto do projeto, poderia ser até da comunidade, que participam da Associação, se pudesse implementar no projeto, pudessem dar a parte do tema, discutir, a gente teria um avanço maior nesta parte, tá? Eu acho que o pessoal está aprendendo mesmo a ler, mas esta parte do tema, a discussão é muito o que é saúde, é ter força, é comer bem, é apenas isto; (a gente apenas isto) a gente apenas clareia o referencial semântico da palavra, mas não discute a realidade que envolve aquela palavra, a nossa realidade que envolve aquela palavra, a nossa realidade a partir daquela palavras, por ter as pessoas uma turma heterogenea e um turno grande com monitores."

3.3 Impacto ao nível dos Auxiliares Administrativos

3.3.1 Grupo CARITAS

O auxiliar administrativo entrevistado tem 25 anos; é primeiro secretário da Associação de Moradores do bairro e tem uma militância partidária ativa em Nova Iguaçu. Ele explica a sua entrada no projeto, em função de sua atuação na comunidade, e o cargo de auxiliar administrativo a partir de sua experiência de almoxarife.

O entrevistado diz achar o projeto "bastante válido", prega sua continuidade, e acha que o governo deveria incentivar esse tipo de projeto, ampliando, inclusive, a sua abrangência na área de saúde, transporte, cultura etc.

"... E o maior problema que nós, lideranças encontramos; sabe, é que geralmente, é a desconfiança de onde vem o projeto, né, porque vem do lado do governo, geralmente, quem está na liderança é oposição; isso nós não podemos tapar o sol com a peneira; então, o que acontece? Acontece que gera essa desconfiança; né, a passagem da ideologia, né, talvez isso que as pessoas ficam pensando. Mas eu procuro observar o seguinte, que nós olhamos para um lado, nós vemos o povo nessa situação; eu acho que aí entre lideranças que estejam ou não apoiando o Governo. O Governo e nós temos que está sempre olhando para o povo. Eu acho bastante válido isso e, tô sentindo pela parte do pessoal, sabe, empregado, ou seja, professores, supervisores, eu tô sentindo que as pessoas estão bastante satisfeitos, né, e aprovam até."

"... acho que a EDUCAR está realmente priorizando, sabe, a necessidade de se alfabetizar, de educar, sabe; eu acho que o direito a informação, o direito a educação; eu acho que ela passa por cima de qualquer ideologia, de qualquer Governo que esteja; eu estou gostando bastante, sabe."

Para o auxiliar administrativo os únicos problemas enfrentados até o momento são de natureza pessoal:

"... nós estamos encontrando alguns problemas de cunho pessoais, de

pessoas que acham que às vezes acham
 que estão mais capacitados que o próprio
 projeto, quando não é essa realidade;
 ninguém está acima do projeto, né. Nós
 estamos todos, tanto o pessoal da
 CARITAS, quanto os profissionais da
 EDUCAR, estamos abaixo do projeto; nós
 queremos o quê? É melhorar o projeto, né?...

Por outro lado, o entrevistado diz estar recebendo bastante apoio
 da CARITAS para o desenvolvimento de seu trabalho.
 Quanto aos supervisores e monitores, ele diz que na maioria são
 pessoas de seu convívio.

A sua percepção do projeto pode ser resumida nesse depoimento
 feito por ele:

"... esses primeiros passos da EDUCAR
 foi bastante importante; eu tenho uma
 visão otimista da coisa."

3.3.2 Grupo MAB

A auxiliar administrativa entrevistada tem 26 anos, possui nível
 universitário (Administração de Empresas), nasceu no interior do
 Estado do Rio de Janeiro e mora em Nova Iguaçu desde 4 anos de
 idade. Iniciou-se no trabalho comunitário com 14 anos através da
 Igreja Católica, engajando-se, então, no movimento de associação
 de moradores e, posteriormente, com o MAB de Nova Iguaçu.

A participação da entrevistada no Projeto teve início na fase de
 elaboração das propostas, e a indicação do MAB para a sua contratação
 como auxiliar administrativa é decorrente da sua militância no
 movimento de associação de moradores e da sua total confiança neste
 movimento.

A entrevistada considera que o projeto, sendo desenvolvido na
 Baixada Fluminense, está indo de encontro com a necessidade das
 pessoas. No que se refere a proposta educativa, a auxiliar considera
 a experiência válida a partir das visitas que vem fazendo nas
 classes:

"A EDUCAR..... a finalidade do Projeto é
 linda, porque vai de encontro a ansia de
 muitas pessoas que querem e necessitam
 este tipo de ajuda... claro que têm
 falhas, né? Mas é a primeira vez que a
 gente tá fazendo, tá aprendendo..."

No trabalho desenvolvido pela entrevistada os principais problemas
 surgidos são: salas sem quadro-negro; material de apoio com
 atraso; e no que se refere mais especificamente à sua atividade,
 a dificuldade apontada está no fato de que as classes são
 distantes uma das outras:

"Nova é muito grande; no dia que eu vou numa classe, não posso trabalhar no MAB devido a distância e a dificuldade de transporte que há..... o acesso..... e houve até caso de assalto em sala de aula...."

A entrevistada reclamou em relação ao excesso de tarefas para os auxiliares administrativos do MAB, que são responsável por 70 classes, e não têm uma infra-estrutura organizada, já que se trata de um órgão do movimento comunitário. Em relação a sua experiência, ela afirma:

"Tô achando legal... apesar de que esta sendo muito cansativo prá gente lá do MAB, pro assistente administrativo, esse trabalho..... você não tem tempo.... você fica seis horas no MAB ou mais num projeto... um formulário que você queria preencher, e não consegue.... porque é uma pessoa atrás da outra chegando.... você não tem espaço.... não consegue um tempinho prá almoçar, né? Um chega, outro chega... um quer material, outro quer informação.... a gente fica louquinho.... mas tá sendo válido."

3.3.3 Grupo das Associações Independentes

A auxiliar administrativa entrevistada tem 37 anos e concluiu o 2º grau (formação de professores do 1º grau).

Explica que o projeto foi iniciado na Diocese de Caxias, na Coordenação do Clube de Mães. Como não foi viabilizado pela Diocese, então, o projeto foi repassado para as Associações de Moradores que discutiram sua viabilidade e, finalmente decidiram implantá-lo. A entrada da entrevistada no projeto foi devida ao interesse que demonstrou por esta função respaldada nos quatro anos de coordenação do Clube de Mães e na participação no movimento das Associações de Moradores.

"Este trabalho teve partida, principalmente, lá na Diocese, na Coordenação do Clube de Mães. A proposta foi para lá, nós discutimos e, aí, depois passamos para o Clube de Mães. Aí, depois que decidiram aquilo, dar a resposta e tudo, aí Dom Mauro pediu para que fosse repassado para as Associações, para a comunidade e o preconceito do trabalho. O trabalho é muito difícil, a nossa Associação lá do Parque Araruama abrange várias comunidades, aí da periferia, então, quer dizer, uns líderes eram contra e outros não, e só sei que nós vencemos."

Os problemas enfrentados por ela até o momento são de natureza profissional e comunitária.

"Bem a maior dificuldade que eu estou encontrando é justamente a falta de capacitação para a CLT(*), que nós não tivemos..... A gente quebra muito a cabeça, a gente erra, a gente aprende quando vê o documento está faltando um número, tem que bater tudo de novo..... As vezes surgem problemas na comunidade, brigas de morro e favela, problemas de professor com aluno e problemas de boca de fumo e malandro. Os supervisores trazem estas notícias, a gente tenta discutir para, então, ter uma solução, quando não se consegue, a gente apela para o padre."

Para ela o projeto é "bom", torce para que dê certo e está preocupada com a sua continuidade:

"Esta nova reestruturação da EDUCAR, eu estou achando bem melhor do que antes, o salário dos professores, a assistência pedagógica e com o próprio pessoal da comunidade, supervisor, assistente administrativo. Acho que o trabalho fica bem mais rico quando é feito pela gente mesmo, e orientado por vocês. Estou torcendo para que dê certo."

(*) C.L.T — Consolidação das Leis Trabalhistas

3.4 Impacto ao nível das professoras

3.4.1 Grupo CARITAS

Da mesma forma que nos outros grupos, as quatro professoras entrevistadas são bastante jovens; a média de idade fica em torno de 25 anos - a mais velha delas tem 30 anos. Todas moram no bairro local, sendo que uma delas, a mais velha do grupo, nasceu no Estado do Maranhão, e só veio morar no Rio de Janeiro quando completou 22 anos de idade.

As quatro professoras possuem o 2º grau completo e três delas cursaram o Normal. Todas, inclusive a que não possui o Curso Normal, lecionam ou já lecionaram antes para crianças. Três delas nunca deram aula para adultos, sendo que uma destas desenvolve um trabalho pastoral, sendo catequista e coordenadora do Grupo de Jovens da Igreja local. A outra professora trabalhou durante o ano de 1985 como professora do MOBREAL, sua primeira experiência com adultos.

Três professoras fazem a distinção entre o trabalho com adulto e com a criança; duas delas preferem trabalhar com adultos, e uma acha mais difícil dar aulas para adultos:

"adulto é mais difícil.....
são mais exigentes..... têm
certas brincadeiras que não aceitam."

"adultos é melhor; criança tem aquele problema, a gente deve conhecer os problemas da criança também, né, que muitas crianças tem problema, né..... tem três senhoras aí que chegam cedo né, então, eu tô sempre conversando com elas, o tipo de coisa que elas falam comigo, elas podem não saber ler nem escrever, mas as coisas que elas falam, elas me informam de certas coisas que eu não sei, então, eu tô achando uma maravilha..."

"Eu trabalho com crianças, mas com crianças tem que estar sempre ali, né tem que falar um pouco pra eles ficarem um pouco por dentro, né? Mas os adultos não, eles já vem para cá, pelo menos a maioria deles; eles já sabem o que eles querem, então eles vem procurar aprender mais alguma coisa e estão interessados naquilo..."

O conceito de analfabeto para cada uma das quatro entrevistadas é distinto, ainda que o fato de não saber ler e escrever seja a base da definição. Uma das professoras é bastante radical em seu

depoimento, considerando o analfabeto um ser totalmente alienado e sem vontade de mudança:

"Analfabetismo é não saber ler e escrever também não se interessar, então, não é só não saber ler e escrever, é não estar interessado no que acontece na nossa realidade de hoje porque tem aluno, por exemplo, (inaudível) um ou dois, nê, por exemplo, política não interessa, nê, só interessa, por exemplo, saber da Bíblia, aprender a ler pra ler a Bíblia, mas interessado mesmo no que acontece em nossa volta não está. Então, a pessoa é analfabeta quando ela é um tapado, não sabe ler não sabe escrever, não quer saber nada que acontece, nê, então Analfabeto não sabe nada mesmo ou não quer saber."

Para outra professora o analfabeto, pelo fato de não saber ler nem escrever, se sente extremamente inseguro e se fecha em preconceitos em relação a si próprio. Esta professora exemplifica esta situação a partir de sua experiência em sala de aula e a partir da participação de uma de suas alunas enquanto representante da turma na Assembléia organizada com a equipe da EDUCAR e CARITAS:

"...Todo analfabeto tem seu preconceito, sabe, eu acho que todo analfabeto já fala, ele já tem aquela dificuldade, até ele pensa que não sabe falar, nê, ...
 isso houve bastante na minha sala, entendeu, deles comentarem demais, deles terem vergonha de conversar com uma pessoa assim um pouquinho mais arrumada. Tem uma senhora na minha sala...
 ela falou pra mim: "Lêa eu fiquei morrendo de vergonha de".....
 ela contou pra turma nê, como foi aquele dia lá que tinha que levar um representante, um aluno, nê, nosso, aí ela falou pra mim: "Lêa eu fiquei com vergonha de ficar naquele lugar tão bonito com aquelas carteiras, aquelas cadeiras bonitas, aquela televisão a cores, assim mesmo, aquela gente bonita, bem arrumada, ah! Lêa não faz isso não, quando você tiver qualquer coisa não me chama mais não..."

As outras duas professoras definem basicamente o analfabeto como uma pessoa que não sabe ler nem escrever, sendo que uma delas acrescenta à sua definição que são pessoas que também "não conseguem compreender algumas coisas..."

As opiniões das quatro professoras sobre a implantação do projeto estão sendo bastante favorável. Ainda que apenas uma delas tenha sido professora do MOBRAL, duas fazem um paralelo entre esta Instituição e a Fundação EDUCAR:

"...até eu estou surpresa com o método, assim como o projeto que eu trabalho, eu não esperava que eles fossem capazes de com um mês, dois meses já formar palavras...."

"... o projeto está abrindo muito a cabeça das pessoas..."

"... eu estou achando esse (projeto) muito bom, gostei muito, coincide muito com nosso trabalho pastoral, assim de conscientização, do povo da Baixada..... eu tô gostando, talvez eu não ia me sentir muito bem se fosse só mesmo alfabetizar, como se fosse no MOBRAL, se não tivesse essa abertura em dinâmica, em participação, em bate papo quer dizer..."

"eu tô adorando, não tou puxando saco, eu já comentei isso com as colegas aqui, com outras pessoas..... eu vejo muita diferença (com o MOBRAL)..... a turma mesmo fala que não é só aquele compromisso de escrever o que a gente faz, eu posso exatamente saber o que eu vou dar, fazer um planejamento por minha conta e não ser aquilo, por exemplo, eu faço por minha conta, não é a mesma coisa que ter aquele planejamento certo, correto, por exemplo, como (inaudível) muitas atividades em grupo; a turma está adorando, sabe, eles mesmo falam que não é aquela escola obrigatória, só escrever cansa, fica com os dedos cansados; não, a gente tá desenvolvendo bastante atividade desse tipo, não fica uma coisa cansativa, a hora, pelo contrário, a gente acha a hora curta demais..."

Existe, por outro lado, uma certa preocupação em relação à continuidade do projeto:

"... foi um espaço pra mim conviver com o povo, entendeu, não só da igreja, também do bairro; eles ficam me perguntando, vários perguntam se depois das eleições não ia fechar o projeto, até quando ia..."

"o projeto tã uma coisa boa, nê, porque muita gente aqui, nê, êles tão adorando, nê; êles falam: "poxa, a gente sempre começa as coisas aqui, o pessoal começa depois pãra", nê,...."

A capacitação não correspondeu às expectativas das professoras. Foram muitas as críticas, sobretudo no que se refere a prática em sala de aula, apenas a professora com experiência de trabalho pastoral qualificou de boa a capacitação, apesar de achar que faltou muita coisa:

"... foi muito bom,..... por exemplo, eu jã tinha um pouco de mêtodo de como trabalhar a pastoral, entendeu, mas foi bom pra mim porque eu vi que as coisas estavam caminhando junto, dava pra aplicar o mesmo, mas ou menos o mesmo jeito, entendeu? Também lembrou muitas coisas que eu aprendi na escola, e ajudou muito, por exemplo, o aspecto de brincadeiras, a palavra geradora, porque isso era uma coisa que talvez eu jã sabia, mas não sabia se podia aplicar nesse projeto."

Perguntando ã essa professora o que faltava na capacitação ela deu a seguinte resposta:

"... falta muito, falta mais um pouco assim de dinãmica de grupo por exemplo, porque eu vendo assim a turma, por exemplo, eu tenho um pouco de dificuldade de pedir prã eles fazer um teatro, alguns tipos de brincadeiras, entendeu, que leva também ao aprendizado. Artur deu, por exemplo, uma idêia daquela que a gente sempre usa no grupo de jovens, nã usavamos; bota as palavras dentro de um envelope vai passando, e aĩ cantando uma mũsica, e (inaudível) fazendo leitura e também dava pra passar pra turma, então, isso eles gostaram muito e participaram, mas se eu peço pra dramatizar um teatro, ou um teatro mesmo, eu tava vendo a questão da saúde, sinto um pouco de dificuldade."

As outras professoras foram categãricas, como podemos observar em seus depoimentos:

"Pra quem nunca trabalhou acho que faltou alguma coisa..... poderiam ter simulado uma aula desde o começo..... usaram cartazes (inaudível) e não ã são isso uma sala de aula."

"... não consigo pensar na capacitação com que a gente tá usando agora.....
 é, eu não consigo fazer esta ligação....
 a capacitação não foi isso não; eu não sei sabe, pode ser até a pessoa que tenha ficado; teve gente que disse que teve diferença de sala, umas salas foram mais movimentadas, outras mais paradas, de acordo com a pessoa que ficou em cada sala."

"Eu acredito que o que a gente tá usando até hoje não tem nada a ver com a capacitação, eu acredito."

"... seria melhor se a gente tivesse tido mais tempo, assim, tivesse mais, assim, se eles fizessem, assim, pra gente ter mais prática um pouco, né, que foi um pouco corrido..... na minha sala tem alunos que não sabem nada, tem outros que já sabem mais um pouquinho, e tem hora que eu fico meia enbananada, né, não sei nem o que eu faço."

Entre as dificuldades sentidas nesses dois meses de aula, foram apontados pelas professoras em seus depoimentos algumas já colocadas em função da capacitação, como por exemplo, o problema de trabalhar concomitantemente com alunos que já sabem um pouco e os que nunca estudaram, e também o problema de alunos menos interessados em aprender do que outros, da falta de idéias para inventar atividades diferentes, de problemas da visão de alguns alunos e, finalmente, a falta de material escolar de modo geral.

Para enfrentar o problema do aprendizado por parte de certos alunos, observamos um comportamento bastante diferente por parte das três professoras que abordam o tema: uma delas se sente totalmente insegura, e está à procura de uma melhor maneira para ensinar esses alunos; outra está lutando pela persistência desses alunos e estimulando-os a não desistirem; enquanto uma outra atribui o problema da assimilação à falta de interesse dos alunos ou à velhice.

"... eles também tão conseguindo aprender um pouco, só que está assim demorado, aí eu não sei se é assim mesmo porque eu nunca dei aula pra alfabetização; eu fico cheia de dúvidas; não sei se o defeito é meu, é deles, o que está acontecendo."

"... tem duas pessoas, sabe, que têm, assim, mais dificuldade que, não, eu não vou dizer que não conseguem acompanhar a turma, eles conseguem sim..... tem gente que bota na cabeça que não vai conseguir....., e pensa até em desistir, como na minha sala tem isso mesmo, e eu tô conseguindo segurar essas pessoas, sabe, já fui em casa, já peguei em casa já pronto pra dormir mas trouxe pra sala, dizendo que não ia encarar nada, que não tem mais nada pela frente pra encarar."

"... sô tem um porêm, esses alunos que não estão interessados então, sei lá, não participam..... acho que eles vem mais pra sair de casa, sabe, a noite... que não sabe mesmo tem três senhoras, elas têm força de vontade, mas são muito velhinhas."

Durante as aulas, as professoras, de modo geral, estão utilizando como material de apoio recortes de jornal, cartazes, o quadro e o Livro de Professor editado pela EDUCAR.

Em relação ao livro de aluno, tem uma professora que participa de um grupo que iniciou a elaboração de uma cartilha, mas não deram, continuidade ao trabalho. Outra professora não acha indispensável o uso de uma cartilha para alunos, e atribui isso a sua experiência no trabalho pastoral da Igreja:

"... sô se for uma cartilha vem pequena; eu não sou muito a favor; não, porque se tiver um livro igual aqueles que nós temos de Atividades, é muita tarefa, eles não vão ter criatividade de formar outras palavras, viu,..... porque no começo eles pediram bastante, mas também eu tive bastante maturidade em deixar eles entender porque não usar a cartilha, entendeu..... agora já reforço eles, que eles mesmo já construíram a cartilha deles, já tem tantas palavras que eles já formam....."

Percebe-se que as professoras estão bastante satisfeitas com o trabalho de supervisão, uma delas fazendo, inclusive, o paralelo entre a supervisão do MOBRAL versus EDUCAR. No entanto, uma das professoras que demonstra uma certa insegurança ao longo de sua entrevista, manifesta a necessidade de um contato mais assíduo com o supervisor:

"Supervisão no MOBREAL. Vou te dizer..... a supervisão do MOBREAL veio aqui acho que foi duas vezes, não veio umas quatro vezes no ano, entendeu, onde eu estranho também é isso, no caso, era até a N., eu adorava a N. entendeu, mas também fazia parte do trabalho dela, também não tinha dia certo pra vir aqui, também não era problema dela, né, tava fazendo o trabalho dela, a turma também. Todo mundo adorava ela, mas em compensação como a V..... vem sempre, entendeu, fica melhor porque eu teria que me deslocar..."

"... a gente tem contato com ele (o supervisor) mas assim sei lá, que a gente fica assim muito isolado, né, um com o outro as vezes a gente tem dúvida algumas coisas, aí tem que ir atrás do A... lá no Serrote, ou sabe então esperar o dia que ele vim."

3.4.2 Grupo MAB

Conforme já foi mencionado anteriormente, as quatro professoras entrevistadas, no Grupo do MAB, são bastante jovens; a média de idade é de aproximadamente 24 anos — a mais velha com 34. Todas nasceram no Rio de Janeiro e se criaram na Baixada Fluminense.

Três professoras participam ativamente da Associação de Moradores de seus bairros, uma delas também participa de trabalhos na Igreja, e outra já fez parte do Grupo de Jovens e de Grupo de Crisma da Igreja local.

Todas as entrevistadas possuem o 2º grau completo, três delas cursaram o Normal, e uma fez três anos de Administração de Empresas, além de ser formada em Contabilidade.

Duas professoras dão aulas para crianças na fase da pré-escola e outra dá aula de técnicas comerciais para turmas de 5a. à 8a. série. Esta última é a única que já teve alguma experiência anterior de trabalho com adultos, tendo lecionado para cursos supletivos de 5a. à 8a. série durante 5 anos.

Entre as professoras que trabalham pela primeira vez com adultos, duas compararam a sua experiência com crianças a este trabalho com adultos. Ambas preferem trabalhar com adultos, uma delas afirma que, se depender dela, daqui para frente ela só escolherá trabalhar com adultos e fala da criança que existe dentro de cada adulto. Observa-se em seu relato que ela está percebendo em seus alunos a necessidade de tentar reproduzir situações que lhe foram negadas na infância.

"... o adulto é mais fácil de eu me relacionar..... no começo eu me sentia envergonhada, pessoas de quarenta anos me chamando de tia..... dia 10, nós vamos fazer a Festa das Crianças e nós vamos fazer com bola, boneca tudo pra eles, também, porque eu acho que no fundo, no fundo, eu acho que eles tem um pouco de Criança, que eles brincam, eles conversam: vamos fazer dever de casa....."

".... o que eu mais quero é trabalhar com adulto, sabe, eu não gosto muito de trabalhar com crianças..... eu gosto, mas não é o meu forte."

Em relação ao conceito do analfabeto, duas professoras o definem como a pessoa que não sabe escrever nem ler; porque não teve a oportunidade de aprender, e conseqüentemente/marginalizado pela sociedade. Outra professora fala do direito à instrução que lhes foi negado, considerando também analfabetos as pessoas que, apesar de possuírem o curso secundário, comportam-se como ignorantes em relação aos que não tiveram acesso ao estudo. Uma última, fala que só a partir da convivência com analfabetos é que pôde saber o que significa ser analfabeto:

"Você sô sabe o que é na medida em que você passa a conviver com essas pessoas, sabe, eu sinto assim uma carência muito grande nelas, sabe,..... as pessoas, elas têm potenciais, tem um senhor que tã comigo, ele faz música,... inclusive até falei pra ele trazer uma música dele pra sala..... eles são muito carentes, muito humildes, como pessoa, como ser humano eles se anulam muito devido a isso....."

As professoras demonstram estar entusiasmadas com a implantação do projeto na Baixada Fluminense, sendo que uma delas mostra estar preocupada com a capacitação do pessoal envolvido no projeto e outra acha que 6 meses é muito pouco tempo para alfabetizar:

"Ah! Nossa Mãe! excelente..... em todos os sentidos..... não tem quem não vença com isso daí. Agora, é aquele negócio depende muito da conscientização, também, de quem tã lá trabalhando..... que de repente você pode preparar uma coisa muito boa e não acabar às vezes eu lã nos Encontros, o pessoal vê tanta dificuldade numa coisa que é assim tão fácil de sanar..... mas de repente é através da experiência que essa pessoa vai aprender a se virar, não sei."

"Ah! eu achei ótimo, ótimo mesmo, sô é uma pena, eu acho que o tempo, nê, a duração dele seja muito curta pra alfabetizar, curtíssimo..... eu acho que deveria ser de 8 a 10..... eu achei 6 meses curtíssimo."

"..... eu tô achando esse trabalho de vocês muito bonito e muito importante pra Baixada, principalmente com esse povo que não teve a mínima condição de estudar. É uma coisa que vocês tão lutando mesmo que dê certo e tem que fazer que nem o Sarney: Tem que dar certo."

A capacitação foi considerada "válida" por duas professoras: uma delas achou que a capacitação proporcionou "bastante experiência de como começar o trabalho" com adultos, e, para a outra, a capacitação ofereceu todo o conteúdo necessário e serviu para recordar o que já havia aprendido na escola Normal, "como palavra chave, muitas coisas assim como começar....."

As demais professoras criticaram a capacitação: uma achou que os conteúdos deveriam ter sido repassados de outra forma, julgando o nível da capacitação inadequado para as pessoas que a assistiam; a outra achou a capacitação sem novidades e confessou ter esperado algo diferente, ou seja, mais próximo da prática pedagógica.

"Olha, eu achei lã na capacitação, eu assisti todos os dias, eu achei tudo muito bom, mas de repente, no dia mesmo que acabou tudo, eu fiquei me perguntando até que ponto era válido porque achei uma coisa muito jogada..... eu achei, assim, um nível muito alto pro tipo de pessoas que tavam assistindo..... a menina do meu lado estava dizendo: "que saco" e eu estava achando maravilhoso.... .. então aquela menina não tava pegando nada do que ela (a capacitadora) tava jogando..... Tava difícil; como ela muitos...."

"Olha, não calculava nada não, mas pensava que fosse diferente. Porque pra mim é que nem um cursinho que eu fiz de alfabetização, foi um cursinho aí que dão de montão.... .. mas eu acho que deveria ter alguma coisa assim mais pedagógica, mais fundamental mais dentro da leitura, da escrita...."

Ainda com relação à capacitação, cabe transcrever o depoimento de uma das entrevistadas, reclamando do excesso de reuniões, sobretudo aos sábados:

"... aí começou reunião aqui, reunião ali, depois treinamento; no início eu achei um saco, sabe, porque esse negócio de reunião, reunião, acho que toma muito o tempo da gente, porque esse negócio de muita reunião, a pessoa já vai assim cansando, sabe..... você sempre tem alguma coisa pra fazer no sábado, né,..... então a menina tava falando, não dá pra todo sábado ter reunião."

Segundo as professoras entrevistadas, as dificuldades encontradas nesses dois meses de aula são as seguintes: falta de material didático e de material de apoio; trabalhar com as fichas; alunos que trabalham e chegam muito cansados para estudar; alunos com dificuldade de aprender; e problema de visão de alguns alunos.

Em relação ao material didático, todas as professoras falam da cobrança de uma cartilha, por parte dos alunos. Em duas turmas os alunos decidiram comprar cartilhas por conta própria ("Cartilha da Infância" e "Pipoca").

Apenas uma das professoras acha dispensável o uso da cartilha, tendo no entanto aceito a decisão, dos alunos, de comprar uma cartilha. Esta professora combinou, no entanto, com os seus alunos que iria usar a cartilha apenas como um ponto de apoio, não pretendendo segui-la à risca. A professora da outra turma que também comprou uma cartilha, aparentemente, aderiu ao uso sem restrições.

A primeira demonstra também sua preocupação em relação à construção de materiais didáticos alternativos, uma vez que existe um problema de tempo (a maioria das professoras possui outros empregos).

"... o que tem dificultado muito, acho que a todo mundo, é a carência do material didático, se bem que esse material didático, claro, você vai introduzir isso daí. Mas aquele lance de tempo, olha, eles tão me cobrando que eles querem um relógio, que muitos não sabem ver horas, tudo bem, ninguém vai dar um relógio prontinho, né? Eu vou ter que montar esse relógio..... mas não tive tempo de sentar para fazer isso..... e eu sei que a cartilha quem vai fazer somos nós, eu acho a cartilha dispensável totalmente, sabe, aquela proposta da palavra geradora é excelente, sabe. Mas eu ainda acho que deveria ter uma coisa, não sei sabe, exatamente o quê, não sei, mais papel, mais abundância de material que não fosse, acho, tudo muito contadinho, deveria ter mais estêncil."

"Tem uma mãe, ela tem uma filha que estuda na escola estadual e a menina estuda aquela cartilha "Pipoca"..... ela levou a cartilha pra sala..... todo mundo achou maravilhoso. No dia seguinte, apareceu um monte de "Pipoca" na sala..... só tem uns três ou quatro que não têm..... aí eu expliquei: olha gente, tudo bem, vocês têm a "Pipoca", a "Pipoca" vai ser o ponto de apoio, agora, eu não vou seguir a Pipoca à risca, eu não vou chegar na sala e dizer vamos abrir na página 10..... a cartilha não está atrapalhando."

".... praticamente me obrigaram a adotar uma cartilha, levaram o nome da cartilha, disseram que era boa e tal. Aí quer dizer, todo mundo comprou a cartilha, está todo mundo conseguindo se alfabetizar..... é a "Cartilha da Infância"..... eu tava trabalhando com folhas mimeografadas mas eles acharam que preferiam a cartilha."

Entre as professoras que acham necessário o uso da cartilha, uma delas faz restrições:

"... sinto falta da cartilha sô em parte, sabe, porque, mais pela leitura, sim, seria bom ter uma cartilha, nê, mas eu acharia..... se fosse bom que a cartilha ficasse com a gente porque senão em casa, eles iam decorar tudo...."

Duas professoras estão sentindo dificuldades para trabalhar com as fichas na sala de aula: Segundo elas, os alunos reclamam muito e "gostam mais de copiar do quadro."

"... eles não gostam de trabalhar com a ficha, não..... ah! essa coisa chata de novo! Porque eu trabalho, dou a palavra e as partes da palavra, depois vamos formar as palavras novas, nê, e as frases e eles não gostam, eles falam pouco, sabe..... eles gostam mais de copiar do quadro..... eu gostaria de aprender outro método de como trabalhar com essa ficha..... que eles passassem a gostar mais..... como trabalhar essas fichas, assim, com mais animação."

"Não gostei muito das fichas e os alunos acham muito enjoado..... ficou uma coisa presa, eu achei, os alunos também, eles acharam, assim, uma coisa muito parada..... eles gostam de copiar, sendo que às vezes, copiar atrapalha, tem alunos muito lentos, então, exercício mimeografado ajuda muito mais, rende muito mais."

A escassez de material de apoio, de modo geral, é mencionado por todas as professoras com bastante frequência. Elas vêm utilizando o seguinte material em sala de aula: quadro, fichas, folhas de papel, grafite, cartolina, estêncil, pilot, fita adesiva, tesoura.

Duas professoras mencionam estar utilizando o "Livro do Professor" elaborado pela EDUCAR, como ponto de apoio, aplicando alguns de seus exercícios.

3.4.3 Grupo Independentes

As quatro professoras entrevistadas são bastante jovens, a média de idade fica em torno de 22 anos. Todas são moradoras do bairro local e possuem o 2º grau completo: uma delas está cursando a Faculdade de Letras e outra se preparando para o vestibular de Psicologia.

Para as quatro professoras, esta é a primeira vez que trabalham dando aula para adultos; três delas exerceram o magistério anteriormente, lidando apenas com crianças.

Todas as entrevistadas alegam estar preferindo trabalhar com adultos e fazem a distinção adulto/criança da seguinte forma:

"... quando disseram que era pra adultos eu gostei. Sabe, porque eu sempre tive vontade de dá aula pra adulto, sabe, pra criança não sei se eu saberia porque eu fico nervosa porque criança é levada, né, gasta o dedo..."

"porque o adulto, né, ele é mais esforçado, né. Tá certo, a gente encontra criança esforçada e tudo, mas o adulto, sei lá, parece que, assim, não teve aquela oportunidade, assim, aí ele vem com aquela corda toda; e é o que eu tou sentindo naquela minha turma."

"Eu acho que trabalhar com adulto é uma experiência melhor..... porque a gente pode trocar conhecimento..... criança, a gente engana com facilidade, qualquer coisa, conto uma história, se resolve; é coisa mais fácil."

"... é melhor pra lidar com o adulto, você pode conversar mais aberto com eles, você pode expor, você pode chegar na sala, sentar assim na mesa e brincar com eles. A criança não; a criança é mais assim, qualquer coisa, está na expectativa, né, você tem que ficar olhando pra criança e ela, aquela carinha; às vezes você não pode falar uma coisa, tem que rodear um pouquinho."

No que se refere ao conceito do analfabeto verifica-se que para as quatro professoras o analfabeto é basicamente a pessoa que não sabe ler e escrever sendo que uma delas vai um pouco mais além, englobando as pessoas que leem ou escrevem mal e outras duas professoras acrescentam que os analfabetos são também pessoas que não entendem nem participam das coisas.

"... é difícil definir, nê, porque o analfabeto a gente pensa assim, nê, é aquele que não sabe ler, ele pode não saber ler mas ele traz toda uma bagagem, toda uma vida..... mas ele acha que tem consciência."

"É uma pessoa que não sabe ler nem escrever; as pessoas que escrevem mas não lêem, as pessoas que lêem mal, que escrevem mal; aí, considero essas pessoas analfabetas."

"Analfabeto mesmo é aquele que não sabe ler nem escrever e que não está por dentro de nada, não sabe, não participa de nada, não tem vida ativa."

"... a pessoa analfabeta não entende muitas coisas e alfabetizado, ela passa a entender bem melhor..."

A implantação do projeto está sendo considerada bastante positiva, porém, duas professoras consideraram que houve pouco tempo para a mobilização de alunos sugerindo uma divulgação mais abrangente do curso.

"... acho ótimo, eu acho que essa é uma oportunidade que, sabe, veio a calhar mesmo; Taquara está precisando muito disso."

"... é uma experiência diferente."

"... eu me senti mais útil dentro da comunidade."

"... eu tô gostando, eu to adorando, sabe; tô tendo uma experiência fantástica comigo; acho que meus alunos estão dando tudo de si; eu acho que tudo assim, do início do projeto, que foi assim que eles falaram que iriam nos orientar, que iam dar pra gente, tô sendo tudo, tô tudo sendo esquematizado direito, nê. Agora essa semana chegou, nê, o biscoito, que sô tava faltando isso, mas eu acho que a orientação, nê, que vocês tão passando pra nossa supervisora, eu acho que tá tudo assim de acordo, eu tô gostando."

A capacitação sofreu críticas sobretudo no aspecto da prática de sala de aula com adultos. Apenas uma das professoras que possui uma experiência de 4 anos de magistério não criticou este aspecto,

para ela foi a questão do planejamento que ficou pendente e deseja também, maiores esclarecimentos sobre a forma de trabalhar os enunciados das questões. O plano de curso também foi mencionado por outra professora que gostaria de receber explicações mais detalhadas.

"Todo mundo esperava uma técnica assim pra trabalhar com adulto e isso na hora, assim, lá realmente, não foi passado o que a gente esperava; mas assim de método, de coisa de aprendizado, foi boa."

"Tava todo mundo esperando uma maneira mais simples,..... do jeito que foi passado pra gente, às vezes, causa um pouco de tumulto na hora."

"a capacitação podia ser assim, tipo uma aula mesmo."

"A capacitação foi boa, mas deixou muito a desejar..... a maioria das pessoas não tinham experiência com adulto, ficou superficial."

"eu acho que, ali, eles vão dar aquele panorama todinho de como é que se dá aula pra adultos. Mas não é, é até normal mesmo; eles não dão uma visão total; você vai viver mesmo é na sala de aula, na prática."

"Eu gostei apesar que o método da palavração eu já conhecia, mas eu gostei, valeu muito, muito mesmo....., o que ficou pendente foi o plano de curso, né, que nós fizemos sozinhos."

As dificuldades apontadas pelas professoras nesses dois meses de experiência na sala de aula são as seguintes: problema de assimilação por parte de certos alunos; dificuldade para aplicar o que foi dado durante a capacitação; convivência entre grupos etários extremamente diversificados; alunos que faltam muito; e falta de material.

O problema da assimilação é encarado de forma distinta tanto pela professora com maior experiência de magistério como pelas outras professoras. A primeira tenta achar uma explicação através do método de ensino enquanto as demais recorrem as deficiências do aluno:

"A primeira palavra-VIDA-eles guardaram porque é a primeira palavra....."

mas, aĩ, as outras, nē, eles tão trocando; ē porque esse mētodo, eles vão aprendendo o alfabeto com a palavra e não o alfabeto, assim antes, e eles estão sentindo dificuldades, nē; e tem uns tambēem que estão pelo mētodo antigo, nē, b com a ba aquela coisa, e pra eles, assim, a mãioria jã conseguiu, mas tem uns que ainda tēem dificuldades, em vez deles falarem ba direto, eles falam b com a."

"Eu não sei porque, mas eu acho que ē porque são os alunos que tēem uma certa deficiēncia..... esse pessoal que tem essa deficiēncia realmente, atē atrapalha vocē, tem que parar com os outros prã poder dar mais atenção prã eles."

"Os alunos que não tēem problema, eles tão bem agora; os que tēem problema não vão aprender nunca."

Cabe ressaltar que a professora que explica o problema de assimilação atravēs do mētodo consultou o supervisor sobre a questão e, decidiram fazer uma revisão utilizando, no entanto, palavras novas. Segundo ela, a tentativa "estã sendo muito vãlida".

Sobre a dificuldade para a aplicação do conteũdo repassado na capacitação uma das professoras coloca o seguinte depoimento:

"olha, comecei tentando conversar, explicar, falar, falar, falar, falar, aĩ ficava todo mundo parado olhando prã minha cara, e perguntava se alguēem entendia; aĩ eles ficavam "ē", "a", aĩ eu (inaudível) prã essas coisas que eu queria a começar a escrever porque falando, sō, eu percebi que pelo menos com o meu pessoal daqui não resolve..... eu preciso ē um jeito mais fãcil deles entenderem, conversar não resolve; começo a conversar, eles começam a conversar mais alto do que eu; uma coisa que não tem nada a ver."

E a professora acha que funciona melhor quando se trabalha da seguinte forma:

".... um texto pequeno, alguma coisa assim rãpida, eu acho que funciona, quer dizer, não sō escrever, ler e comentar o que estã escrito."

Duas professoras relatam dificuldades para trabalhar com grupos com grande variedade de idade, sendo que uma delas, a que tem uma experiência mais longa de magistério, conta que o problema já foi sanado e o relacionamento entre jovens e velhos está muito bom. A outra professora continua sentindo dificuldades:

"... não me incomodo, mas atrapalha os outros que estão interessados, isso deve ser da idade porque 15 e 16 anos, as pessoas tão muito agitadas, assim, né, não têm, assim, o mesmo tipo de procedimento."

Em relação aos alunos que faltam, cabe ressaltar que apenas uma das professoras levantou essa questão:

"eles faltam muito; eu já falei até que tem frequência. Eles vêm um dia, falta dois, três (inaudível); aí, tem problema de uma fica doente..... Eu acho que deve ser por causa do horário, (curso no início da tarde), não sei.....
..... acho que eles são de papelão, quando chove eles não vem..."

Duas professoras levantam o problema da falta de material. Ambas mencionam a falta do livro didático do aluno, e uma delas também registra a carência de material escolar de modo geral, lápis, caderno etc.

Durante as aulas, as professoras, na sua maioria, estão utilizando recortes de jornal, mural, fichas e o quadro. Verifica-se que o Livro do Professor editado pela EDUCAR está sendo relativamente pouco usado; duas professoras não mencionam o livro em seus depoimentos; enquanto as duas que citam o livro alegam utilizá-lo esporadicamente. Uma das professoras utiliza também um livro de alfabetização, que já possuía anteriormente, para tirar algumas sugestões de atividades.

3.5 Impacto ao nível do Aluno

Em virtude da homogeneidade dos depoimentos dos alunos, optou-se por trabalhar este nível sem considerar as diferentes instituições:

Foram realizadas um total de 38 entrevistas com alunos:
13 alunos de classes da CARITAS, 12 alunos de classes do MAB e
13 alunos de classes das Associações independentes.

A grande maioria dos entrevistados eram do sexo feminino, ou seja, 31 mulheres contra apenas 7 homens. Isso se deve ao fato de que o número de mulheres matriculadas é significativamente superior ao número de homens.

As entrevistas foram realizadas no horário das aulas com alunos voluntários. Constatou-se que os alunos mais jovens não se apresentaram para a entrevista, tendo a média de idade do grupo ficado em torno de 40 anos.

A maior parte é constituída por mulheres casadas, mães de família, provenientes de outros Estados ou do interior do Estado do Rio quando ainda eram crianças ou adolescentes.

Praticamente, nenhuma dessas pessoas frequentou a escola na infância, algumas alegam ter estudado um pouco quando moravam na zona rural mas não o suficiente para ter aprendido a ler e escrever, ou, já esqueceram o pouco que aprenderam. Alguns começaram a estudar no MOBREAL sem chegar a concluir o curso. Entre esses alunos, alguns fazem a relação entre o MOBREAL e a Fundação EDUCAR:

"quando eu estudava (no MOBREAL) era aquelas palavras muito chata. A gente ficava sempre naquilo. Aqui não; é aquele trabalho que tem sobre saúde, sobre saneamento, que tá faltando aqui no município onde a gente mora, né.... aquelas frases coladas de jornal, aqueles trabalhinhos de jornal, aquilo é um quebra cabeça, quer dizer é bom.... está melhorando, né, aquela coisa parada, cansativa quer dizer, está sempre com novidade..... é muito atrasado, em vista dagora esse aqui tá bem adiantado mesmo".

"... a moça (da EDUCAR) é mais dedicada; é uma professora mais dedicada...."

"..... é uma professora bacana e ela faz por onde entendeu, puxar o aluno, ela dá mais atenção (do que a do MOBREAL) eu admiro a calma que ela tem com a gente,

porque tem gente burra a bessa aí,
pra a idade da gente."

Os principais motivos apontados pela falta de estudo são: a necessidade de ajudar a família no trabalho da roça desde a infância; e a falta de estímulo por parte dos pais.

Os alunos entrevistados se mostraram bastante animados com o curso, frequentemente fazem elogios aos professores e muitos demonstram estar preocupados com a continuidade do projeto, citando experiências anteriores, onde começaram a frequentar um curso que não teve prosseguimento.

"... pra mim tá ótimo; pra mim tá bom demais. Eu já tô sentindo uma outra pessoa nesse poucos dias; se isso daqui continua eu vou seguir, vou fazer prosseguimento."

"... mas eu senti que dá pra mim aprender porque eu tenho colega aqui que tem um mês que não sabia nada mesmo; já pega o jornal e lê, então, por exemplo, por que que eu não vou aprender?"

"mas agora, surgiu a EDUCAR, então eu tô participando; tá sendo ótimo. Foi necessário, tá, eu acho que a Comunidade da Taquara atingiu o que queria e o que precisava porque realmente a EDUCAR está fazendo uma programação que a comunidade necessita."

"se não aprender com ela (a professora), não aprende com mais ninguém; ela ensina mesmo."

"... estou gostando muito. Espero que esse trabalho vai à frente, né, porque às vezes começa um trabalho, quando a gente tá com aquele gostinho, né, aí não tem mais. Quer dizer aí você fica com o estudo pela metade, entendeu? Então eu queria que assim continuasse pra a gente poder ler mesmo, escrever bem legal mesmo, entendeu? Pra gente poder explicar as palavras melhor, conversar com as pessoas direito, entendeu?"

"Peço a Deus que continue, que não pare. A única coisa que eu sinto é assim porque às vezes muitas coisas que entra aqui no local, sempre fracassa..."

"Eu peço que nunca essa EDUCAR sempre vai cada vez mais pra frente, né, nunca parar também, né? É muito importante essa EDUCAR pra gente."

Observa-se com muita clareza o estigma do analfabeto nos depoimentos registrados:

"... a gente passa por muita vergonha."

"... eu tenho a maior tristeza. Eu tenho que aprender; eu tenho que me libertar da coisa horrível que é a pessoa não saber, ser cega sem ser, não é?"

"... quem não sabe ler faz as coisas com medo, eu, principalmente, faço as coisas com medo."

"Gente que não sabe ler é igual um cego com a luz na mão; alumeia, alumeia e não vê nada; é isso que eu me sinto sabe."

"... quem não sabe nada é praticamente uma pessoa quase inválida quase a tudo, né,..."

"... acho que ser burra é gente que não sabe nada igual a mim. Hoje em dia eu já não me considero mais uma pessoa burra; já sei escrever meu nome, nome das minhas filhas, nome do meu marido, São Mateus, que eu não sabia. Eu só conhecia muito mal números; acho que ser burra é isso."

Segundo as entrevistas realizadas, basicamente, o desejo de aprender a ler e escrever é motivado pelos seguintes fatores: poder andar na rua; tomar ônibus; preencher fichas; formulários; ler receitas médicas ou bulas de remédios; escrever ou ler cartas de parentes; fazer compras sem precisar da ajuda de outra pessoa; ajudar os filhos no estudo; assinar documentos sabendo o conteúdo; melhorar de função no emprego ou achar emprego melhor; e ler a Bíblia.

"...aí eu falei: agora eu vou em frente; morrer morta, satisfeita, já aprendi."

"... eu gosto de escrever um Samba, mas eu não sei escrever. Eu faço ele, a poesia e tudo, mas não sei escrever..."

"... a pessoa tem mais sabedoria pra sair em qualquer lugar; sabe qual a condução que vai apanhar, né; a gente já sabe."

"Eu resolvi estudar porque a gente, às vezes, passa numa rua, quer saber o nome da rua, não sabe, e a gente pega um papel

de um médico quer ver o que tem ali não sabe nada tem que perguntar os outros; dão um endereço a gente, a gente olha aquele papel tem que chegar perto de uma pessoa pra saber que que é aquilo que está escrito ali..."

"... pra mim é difícil sem marido, né? Todos os meus problemas é eu que tenho que resolver, né? É muito difícil pra mim (inaudível) tenho que fazer compras; tenho que fazer tudo; sem saber ler é difícil, né?..."

"... recebe uma carta, recebe um papel pra gente assinar tem que pedir aos outros pra ler, pra ver o que que é."

"... às vezes eu quero sair pra fazer uma inscrição numa firma, aí, eu não sei. Eu vou escrever, falta letra, então, fico com vergonha na hora de preencher a ficha..."

"... eu acho que todo mundo que não sabe ler nem escrever devia botar a vergonha de lado e procurar estudar. Eu acho que faz muita falta, ainda mais pra gente que tem filho, faz uma falta terrível."

"... até hoje pra você varrer uma rua, tem que saber algumas coisa.....e talvez se eu tivesse um estudo, soubesse ler e escrever, talvez eu podia ajudar o meu marido, né?..."

"... como saiu uma escola aqui, eu queria trabalhar de merendeira na escola, então, isso é que eu queria sabe; é do meu gosto."

"Eu sou cozinheira, mas eu quero passar para o escritório onde eu trabalhei, né."

"Vai me adiantar muito. Eu aprendendo a ler e a escrever muito bem, posso arrumar outro emprego, servir num balcão qualquer; pode ser uma padaria ou um supermercadozinho por aí."

Observa-se que os alunos ao serem questionados sobre o que já haviam aprendido nos primeiros dois meses de aula, forneceram respostas evasivas, impossibilitando a análise dos conhecimentos adquiridos.

4. Conclusões e sugestões

4.1 Descobertas mais significativas

Está bem claro que existe por parte dos grupos organizados a plena consciência de que a educação, inclusive a educação de adultos, é um direito de todos e um dever do Estado, e que, nos últimos tempos, o Estado não tem correspondido. Para esses grupos, o papel dos movimentos populares no desenvolvimento de projetos governamentais se restringiria à participação e ao controle político exclusivamente.

Verifica-se, no entanto, através das entrevistas realizadas e conversas informais com pessoas envolvidas no projeto, que, apesar de reconhecerem essa obrigação do Estado, esses grupos se dispõem, no momento atual, a dar uma parcela maior de contribuição.

Por outro lado, observa-se uma mudança na visão da mão-de-obra voluntária. A questão do voluntariado só é admitida em casos de emergência, uma vez que os grupos entendem que qualquer tipo de trabalho deve ser remunerado, percebendo-se um despertar da consciência dos direitos do cidadão enquanto força de trabalho.

A preocupação em relação ao perigo dessas entidades não governamentais serem absorvidas pelo Governo existe, mas, por outro lado, esses grupos têm consciência de que a estrutura de entidades como a CARITAS e o MAB, por exemplo, são bastante sólidas para assumir esse tipo de "risco".

Observa-se que as pessoas envolvidas no projeto estão se sentido bastante comprometidas com o seu sucesso, e estão depositando um voto de confiança no esforço da Fundação EDUCAR/ UNICEF, no sentido de realizar um trabalho mais próximo da comunidade, através das entidades não-governamentais ligadas a grupos organizados da sociedade civil.

Em relação a essa aproximação EDUCAR/Sociedade Civil, deve-se esclarecer que o MOBREAL, no passado, possuía classes ligadas a algumas entidades não governamentais, como foi o caso do MAB, por exemplo. A diferença fundamental em relação à proposta da EDUCAR está na forma da participação destas entidades na elaboração da proposta educativa.

Todos os entrevistados mostraram estar informados de que a Fundação EDUCAR foi criada para substituir o MOBREAL. No entanto, apesar deste fato e das críticas feitas em relação ao antigo órgão, as pessoas se referem à Fundação EDUCAR como uma instituição nova, que veio para mudar. A interferência do passado não é significativa, só o presente e o futuro parecem importar.

É importante destacar que esses grupos estão identificando a Fundação EDUCAR, exclusivamente, a partir da experiência em que estão engajados atualmente, que é o caso específico do Projeto de Educação Básica para a Baixada Fluminense.

Cabe ressaltar, também, que a maior parte dos entrevistados não conheceu de perto o trabalho do MOBRAL, ouviram de terceiros muitas críticas em relação ao órgão. Entre os que tiveram algum tipo de contato com o MOBRAL, as queixas mais frequentes foram: os professores e supervisores não eram escolhidos pela comunidade; má remuneração dos professores; má distribuição dos recursos; não participação dos grupos organizados na sua proposta; e falhas na supervisão.

Ainda em relação à aproximação da EDUCAR/Sociedade Civil é importante lembrar que esta mediação foi feita através do UNICEF, que realizou os primeiros contatos com os grupos organizados. Este fato deve-se, provavelmente, a um certo receio, por parte da EDUCAR, de uma possível rejeição dos grupos devido ao estigma do MOBRAL, no passado.

A implantação do Projeto de Educação Básica para a Baixada Fluminense, após dois meses de funcionamento das classes, tem sido considerada bastante positiva em todos os Grupos (CARITAS, MAB e Associações Independentes) e nos diferentes níveis (lideranças comunitárias, supervisores pedagógicos, auxiliares administrativos, professores e alunos) estudados.

Percebe-se que a equipe da EDUCAR/UNICEF responsável pela implantação e o desenvolvimento do Projeto na Baixada Fluminense teve um papel essencial na viabilização deste Projeto e na construção de uma imagem positiva da Fundação EDUCAR. Está bastante claro que o entrosamento das pessoas integrantes dessa equipe com as lideranças representativas dos grupos organizados foi possível na medida em que a maioria das pessoas da equipe possui uma longa experiência de trabalhos comunitários ou mesmo de participação em grupos organizados da sociedade civil.

Os entrevistados, de modo geral, colocaram objetivamente suas indagações em relação a questão que vão desde os aspectos de ordem política, e social até os aspectos puramente pedagógicos do projeto.

Constata-se que os entrevistados, na sua maioria, demonstram estar satisfeitos com sua participação política no Projeto, porém consideram-se despreparados em relação ao aspecto pedagógico. É importante ressaltar que, no caso do Grupo das Associações Independentes, verifica-se uma situação diferente. A partir do depoimento de um dos supervisores entrevistados, observa-se que, para ele que tem uma formação política de base, o Projeto está sem identidade ou até mesmo sem respaldo político.

Esta situação pode ser explicada em função da estrutura do Grupo de Associações Independentes, radicalmente diferente dos grupos da CARITAS e MAB. Enquanto estes dois últimos já são organizados, o primeiro foi agrupado para a viabilização do projeto.

A partir dessa constatação, verificou-se que o trabalho desenvolvido com os grupos de identidade política definida, é muito mais objetivo e produtivo. Isto porque minimiza a influência de aspectos negativos como o clientelismo, disputa pelo poder e a visão puramente assistencialista que se encontra presente no caso do Grupo das Associações Independentes.

Nota-se que no interior do Grupo das Associações Independentes as pessoas que se destacam em função de uma postura política crítica em relação aos aspectos negativos, elas são consideradas uma ameaça, passando a serem marginalizadas.

Percebe-se que é fundamental o fato de grande parte das pessoas envolvidas no projeto participarem de trabalhos de Grupos na Igreja e em Associações de Moradores, uma vez que demonstram um comprometimento maior com a população.

Com relação ao aspecto educativo, observa-se nos depoimentos, de um modo geral, um despertar para a questão pedagógica, em termos da educação de adultos.

Praticamente, para toda a equipe diretamente envolvida no Projeto (supervisores pedagógicos, auxiliares administrativos e professores) esta é a primeira experiência de trabalho com adultos, mais especificamente a alfabetização de adultos.

A supervisão pedagógica está nitidamente alcançando um novo espaço no âmbito do projeto e sendo bastante valorizada pela equipe, em todos os seus níveis. No entanto, é perceptível a necessidade de um amadurecimento em relação à proposta de supervisão.

Os supervisores estão sentindo que a dimensão pedagógica do projeto deve ser aprofundada e estão enfrentando muitas dificuldades. A experiência de trabalhos comunitários que eles já possuem, segundo eles mesmos, tem sido extremamente útil, porém as dificuldades surgem no momento de fornecer orientação pedagógica aos professores em sala de aula: falta conteúdo.

As professoras apontaram muitas críticas em relação à capacitação inicial recebida. A capacitação, segundo a maioria delas, não correspondeu às expectativas, foi muito corrida e não proporcionou conteúdos básicos que permitissem um melhor desempenho na prática de sala de aula.

Observa-se que as professoras que demonstram maior segurança em situações de impasse vividas na sala de aula são as que possuem mais tempo de experiência no magistério (ainda que lecionando para crianças), ou as que estão engajadas, há algum tempo, em trabalhos comunitários.

Outra dificuldade, frequentemente apontada pelas professoras, refere-se à escassez de material de apoio. É importante mencionar que a EDUCAR distribuiu uma quantidade relativamente grande deste material, de acordo com os recursos alocados para estes fins.

Por outro lado, a falta de uma cartilha pré-determinada vem gerando situações bastantes distintas: algumas professoras estão aceitando cartilhas sugeridas pelos próprios alunos; outras aguardam a distribuição de uma cartilha; e existem professoras que não são favoráveis ao uso da cartilha.

Cabe lembrar que na proposta inicial, ou seja, durante as negociações para a implantação do projeto, ficou estabelecido que os diferentes Grupos envolvidos elaborariam materiais pedagógicos alternativos, não devendo a EDUCAR fornecer uma cartilha pronta para os alunos.

No entanto, observa-se, após dois meses de iniciadas as aulas, que está sendo praticamente inviável a elaboração desse material alternativo, pelo menos durante essa fase de implantação. A equipe de campo diretamente envolvida no projeto, conforme já foi colocado anteriormente, está vivendo sua primeira experiência de trabalho na área da educação de adultos, não possuindo, neste estágio do projeto, condições para desenvolver este tipo de material, além do problema da falta do tempo exigido para a confecção de tais materiais, uma vez que todos possuem outros tipos de ocupação.

Os alunos entrevistados demonstraram estar bastante satisfeitos com a oportunidade de estudar que lhes está sendo oferecida e a maioria espera aprender a ler e escrever para ter mais autonomia na sociedade em que vive. Um número relativamente pequeno de entrevistados também espera conseguir, a partir da aquisição da leitura e da escrita, uma melhoria de vida através da obtenção de um emprego melhor.

Os aspectos administrativos do projeto não foram privilegiados neste estudo, tendo-se no entanto, constatado que a concentração das tarefas administrativas em torno de uma pessoa está permitindo uma melhor organização nessa área. Por outro lado, é inegável que o nível mais beneficiado com a existência de um responsável pelas tarefas administrativas é o dos supervisores que ficaram exclusivamente responsáveis pela parte pedagógica do projeto, que é também bastante complexa.

No MAB, um dos pontos de estrangulamento na área administrativa está sendo a falta de espaço para estocar o material de apoio enviado, uma vez que a sede do MAB não possui infra-estrutura apropriada. Outro problema apontado pelos Grupos do MAB e das Associações Independentes, refere-se ao excesso de tarefas administrativas, assim como a necessidade de um amplo conhecimento de questões trabalhistas, exigidos para a manutenção das classes em funcionamento.

No caso do Grupo CARITAS, os problemas relativos à área administrativa são minimizadas pela força organizacional da estrutura da Igreja.

A questão da continuidade do projeto foi abordada em todos os Grupos e nos diferentes níveis, sem exceção. Todos demonstram um grande interesse pela continuidade, mas a grande maioria teme algum tipo de interferência política para acabar o projeto.

4.2 Dificuldades e limitações relativas às técnicas utilizadas

Com a recente criação da Fundação EDUCAR, a maioria dos projetos deste novo órgão tiveram início no segundo semestre de 1986. Desta forma, a avaliação de impacto só pôde ter início a partir da implantação do Projeto selecionado o que se deu no mês de agosto deste ano.

Por este motivo, a principal limitação foi decorrência do exíguo tempo para a execução das diferentes etapas do estudo. O trabalho de campo foi realizado no período de 8 de setembro a 16 de outubro e o relatório concluído no dia 14 de novembro.

Essa limitação impediu a observação de diversas instâncias do projeto, como, por exemplo, a sala de aula, as assembleias comunitárias e os polos de realimentação pedagógica.

Em consequência, o estudo se concentrou exclusivamente na análise das entrevistas, não permitindo uma apreensão maior do confronto desse discurso com a prática.

Por outro lado, o fator tempo também prejudicou um maior aprofundamento da análise das entrevistas realizadas.

Outras dificuldades encontradas foram: falta de tempo para a elaboração de um projeto de avaliação; escassez de recursos humanos, tendo apenas um dos três técnicos responsáveis pela avaliação ficado com dedicação exclusiva para o projeto; os três técnicos executaram inclusive, o trabalho de transcrição das fitas de entrevistas.

Em resumo, diante dos problemas acima colocados, percebe-se que para a utilização do "estudo de caso" na testagem de avaliação de impacto seriam necessárias condições mais propícias no que diz respeito ao fator tempo e maior disponibilidade dos recursos humanos.

4.3 Sugestões

A partir dos resultados da avaliação de impacto da implantação do "Projeto de Educação Básica para a Baixada Fluminense", aqui realizada, conclui-se que a Fundação EDUCAR deve dar prosseguimento ao trabalho iniciado, ou até mesmo promover sua ampliação.

Caso a EDUCAR decida não renovar os convênios, é fácil prever os prejuízos em torno da imagem da Fundação. A expectativa em relação ao Projeto é muito grande, por parte das lideranças comunitárias, da equipe de supervisores pedagógicos, dos auxiliares administrativos, das professoras e dos alunos.

Observa-se que a opção por essa forma de trabalho, envolvendo a participação de grupos organizados da sociedade civil na elaboração de uma proposta educativa, exige um tempo maior para o amadurecimento da prática pedagógica. Muitas questões percebidas nessa primeira etapa sã serão aprofundadas a partir da experiência acumulada pelos grupos envolvidos.

Em função do êxito do projeto, detectado até o momento, sugere-se que a Fundação EDUCAR estimule o trabalho com grupos organizados da sociedade civil a nível estadual e municipal.

Por outro lado, seria fundamental uma reflexão conjunta com as Secretárias de Educação em torno da importância de uma participação política de grupos organizados da sociedade civil nos projetos educativos. Isto porque a legitimidade e o comprometimento social desses grupos garante um melhor aproveitamento conforme está se verificando no caso do Projeto de Educação Básica para a Baixada Fluminense.

Outras sugestões seriam as seguintes:

- A EDUCAR, no caso da implantação de novos projetos deste porte, deverá levar em conta que é fundamental o estabelecimento de uma negociação ampla e equilateral da proposta, conforme exigência dos grupos organizados da sociedade civil;
- Também no caso da implantação de novos projetos envolvendo grupos organizados da sociedade civil, é importante uma seleção criteriosa da equipe responsável pela negociação da implantação assim como da equipe de cooperação técnica;
- A equipe de cooperação técnica EDUCAR/UNICEF deverá refletir sobre diversos pontos da proposta pedagógica com vistas à correção de problemas detectados nesta fase de implantação, sobretudo no que se refere à capacitação em todos os níveis e ao apoio à elaboração de materiais didáticos alternativos;
- Seria necessária uma discussão da questão administrativa do projeto com os diferentes grupos, para maior clareza na distribuição de tarefas entre a EDUCAR e os Grupos;
- Em função da natureza do Projeto, recomenda-se que seus resultados sejam discutidos nas diferentes instâncias da Fundação EDUCAR.

5. Bibliografia

Almanaque Abril'86. Editora Abril, São Paulo, 1986.

Barbosa, Sergio Marinho. "O censo demográfico de 1980 e a situação educacional". MOBIL, julho/85.

Freitag, Bárbara. "Planos, verbas e boas intenções". In Nova República: um balanço. LPM Editôras, 1986, pp 125-203.

Fundação EDUCAR. "Diretrizes Político-Pedagógicas". Relatório da Comissão de Elaboração de Diretrizes Político-Pedagógicas para a Fundação EDUCAR. Brasília, 1986.

Fundação EDUCAR. "Plano de Ação da Fundação EDUCAR". Rio de Janeiro. Janeiro, 1986. (mimeo)

Fundação EDUCAR. "O PEB - Programa de Educação Básica: uma alternativa de educação supletiva para jovens e adultos apresentada pela Fundação EDUCAR": Rio de Janeiro. Julho, 1986. (mimeo)

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. "Anuário Estatístico do Brasil". Centro de Serviços Gráficos do IBGE, Rio de Janeiro, 1985.

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. "Censo Demográfico - Dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade". Dados de 1980. Rio de Janeiro, 1983.

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. "Censo Demográfico - Dados distritais - 1980". Rio de Janeiro, 1983.

FUNDREM. "Unidades Urbanas Integradas de oeste - plano diretor - Duque de Caxias". Rio de Janeiro, 1979. Volume 2.

FUNDREM. "Unidades Urbanas Integradas de oeste - plano diretor - Nova Iguaçu". Rio de Janeiro, 1979. Volume 6.

FUNDREM. "Unidades Urbanas Integradas de oeste - plano diretor - São João de Meriti". Rio de Janeiro, 1979. Volume 5.

Maciel, Marco. "Alfabetização e educação de jovens e adultos". In Tendências e Debates, Folha de São Paulo, 14/01/86, p.3

Menga, Lúdice e Marli E.D.A., André. "Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas". EPU, São Paulo, 1986.

Ministério da Educação. "Educação para Todos - caminho para mudança". Brasília, agosto, 1985.

Nisbet, J. e Watt, J. "Case Study". Readguide 26; Guides in Educational Research. University of Nottingham, School of Education, 1978.

Secretaria de Planejamento - Secretaria de Orçamento e Finanças. "Orçamento da União - Exercício Financeiro de 1986". Quadros de detalhamento da despesa. Departamento de Imprensa Nacional. Brasília, 1986.